

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
MESTRADO PROFISSIONAL – PROFLETRAS**

FABIANA GOMES CORTES MOL

**CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA: Reflexões na sala de aula sobre usos do
português brasileiro**

BELO HORIZONTE

2023

FABIANA GOMES CORTES MOL

CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA: Reflexões na sala de aula sobre usos do português brasileiro

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de Pesquisa: Diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Elzimar Goettenauer de Marins-Costa.

BELO HORIZONTE

2023

M717c Mol, Fabiana Gomes Cortes.
Consciência linguística [manuscrito] : reflexões na sala de aula sobre usos do português brasileiro / Fabiana Gomes Cortes Mol. – 2023.
1 recurso online (108 f. : il., fots., color.) : pdf.
Orientador: Elzimar Goettenauer de Marins-Costa.
Área de concentração: Linguagens e Letramentos.
Linha de Pesquisa: Diversidade Social e Práticas Docentes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 101-103.
Apêndices: f. 104-108.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. I. Costa, Elzimar Goettenauer de Marins.II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - Mestrado Profissional em Letras

FOLHA DE APROVAÇÃO

CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA: Reflexões na sala de aula sobre usos do português brasileiro

FABIANA GOMES CORTÊS MOL

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia 17 de maio de 2023, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do grau de Mestre em LETRAS, área de concentração LINGUAGENS E LETRAMENTOS, constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Ticiane Rodrigues Nunes

UECE

Prof. Henrique Rodrigues Leroy

UFMG

Prof^a. Elzimar Goettenauer de Marins Costa - Orientadora

UFMG

Belo Horizonte, 17 de maio de 2023.



Documento assinado eletronicamente por Elzimar Goettenauer de Marins Costa, Professora do Magistério Superior, em 18/05/2023, às 09:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Henrique Rodrigues Leroy, Professor do Magistério Superior, em 19/05/2023, às 00:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Ticiane Rodrigues Nunes, Usuário Externo, em 25/05/2023, às 13:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2256962 e o código CRC 46B3F395.

AGRADECIMENTOS

À Deus por eu ser uma sobrevivente e pelas oportunidades que tive.

Ao meu marido Paulo Sérgio por tomar as rédeas de tudo várias vezes, inclusive nos passeios com o Mike duas vezes diárias.

À Amanda, minha filha, por preencher a minha vida com alegrias e desafios.

Ao meu pai e à minha mãe, por terem dado tanta importância à minha formação escolar.

À Heliabe, à Maria Otoni, à Claudiele e à Solange, pelas reuniões on-line e por tantas trocas de ideias e angústias.

Aos meus amiguinhos e às minhas amiguinhas que participaram de cada etapa do projeto na escola, pelo empenho e parceria.

À cada pessoa que me ouviu contar sobre o mestrado e quis saber um pouco mais sobre as minhas peripécias acadêmicas.

Ao PROFLETRAS, por existir.

RESUMO

Os eventos linguísticos ocorrem naturalmente em todo e qualquer lugar e a escola é o melhor lugar para aprender a praticar e avaliar com clareza aspectos particulares de cada prática linguística, tendo como princípio o uso efetivo da língua como um direito inerente a cada pessoa.

Porém, tem-se visto equívocos em torno das práticas de ensino, o que ocorre em várias facetas do ambiente escolar. No campo da língua, ainda há a reprodução infeliz do discurso que leva a comunidade escolar a acreditar que somente os/as detentores/as da variedade padrão da língua são dignos de credibilidade, em detrimento das línguas periféricas, que representariam uma “vergonha para seus falantes”, segundo tal discurso. Assim, a escola marginaliza determinados grupos ainda mais, quando sua função deveria ser o fortalecimento dos grupos minoritários.

Com vistas a mudanças desse panorama, este trabalho contribui para a consciência linguística crítica dos estudantes, por meio de análises reflexivas na sala de aula acerca da diversidade de usos da língua portuguesa. A análise de *posts* e comentários, vídeos e notícias, presentes nas redes sociais, que evidenciam e questionam a reprodução do mito da língua perfeita, contribuem para essa conscientização, com base nos estudos de Bagno (2000; 2005), Faraco (2002; 2017), Kleiman (2010), Nascimento (2019), Travaglia (2009), Veronelli (2021) e outros autores. Quanto à pesquisa, denominada Pesquisa-Intervenção, a abordagem é de natureza qualitativa e confirma a pertinência didática das atividades propostas.

Palavras-chave: consciência linguística; decolonialidade; ensino; norma padrão; sociolinguística.

ABSTRACT

Linguistic events occur naturally anywhere and everywhere, and school is the best place to learn to practice and clearly assess particular aspects of each linguistic event, having as a principle the effective use of language as an inherent right of each person.

However, mistakes have been made around teaching practices, which occur in various facets of the school. In the field of language, there is still the unfortunate reproduction of the discourse that leads the school community to believe that only the holders of the standard language variety are worthy of credibility, to the detriment of peripheral languages, which would represent a “shame for its speakers”, according to such discourse. Thus, the school further marginalizes certain groups, when its function should be to empower minority groups.

With a view to changing this panorama, this work contribute to students' critical linguistic awareness, through reflective analyzes in the classroom about the diversity of uses of the Portuguese language. The analysis of posts and comments, videos and news, present in social networks, which evidence and question the reproduction of the myth of the perfect language, contribute to this awareness, based on the studies of Bagno (2000; 2005), Faraco (2002; 2017), Kleiman (2010), Nascimento (2019), Travaglia (2009), Veronelli (2021) and other authors. As for the research, called Intervention Research, the approach is of a qualitative nature and confirms the didactic relevance of the proposed activities.

Keywords: linguistic awareness; decoloniality; teaching; standard norm; sociolinguistics.

Se aproxegue!

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1- Referencial teórico	17
1.1- A língua materna como um direito de todos, todas e todes.....	17
1.2- Ataque linguístico, linguicídio e colonialidade da linguagem	19
1.3- O papel da escola na conscientização linguística.....	21
1.4- A ideologia da Gramática Tradicional.....	22
1.5- Perspectiva variacionista no ensino de língua portuguesa.....	24
2- Metodologia.....	27
3- Proposta didática.....	31
3.1- Gêneros que evidenciam diversidade linguística e multimodalidade....	31
3.2- Etapas e procedimentos.....	32
3.3- Análise dos dados.....	38
4- Proposta Didática e Análise de Dados.....	40
Módulo 1- A língua tem controle remoto?.....	40
Módulo 2- Língua e Sociedade: quem dita as regras?.....	52
Módulo 3- Existe uma única língua portuguesa disponível?.....	70
Módulo 4- Por que certos usos da língua incomodam?.....	78
Módulo 5- Sistematização.....	87
Análise de dados- Conclusão.....	95
Imagens 1 e 2.....	97
5- Considerações Finais.....	98
Referências.....	101
Apêndices.....	104

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro

(Oswald de Andrade)

INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que cada indivíduo tem o direito de usufruir de todas as possibilidades dadas a ele/a enquanto cidadão/ã. Também é fato que muitas pessoas sequer têm ideia do que lhes é possível por direito, por motivos que passam pela negação desse conhecimento a esses por outrem, conscientemente ou não. A carência de conhecimento é observada principalmente quando os devidos direitos dos indivíduos têm relação direta com os princípios da igualdade, já que estes objetivam resultar em indistinção entre as pessoas enquanto seres humanos, o que deve implicar certa tenuidade nas relações de poder. Ao tratar da língua como instrumento nessas relações, Barthes (1977, p. 14) aponta que “assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder”. Qual seria, pois, a melhor maneira de situar as pessoas no mundo enquanto sujeitos de direitos, senão através de suas línguas? Isso posto, podemos pensar nos lugares dos eventos linguísticos.

Segundo Marcuschi (2002), os eventos linguísticos são os gêneros textuais, “mas não se definem por características linguísticas: caracterizam-se enquanto atividades sociodiscursivas”. Dessa forma, podemos supor que os eventos linguísticos ocorrem naturalmente em todo e qualquer lugar. Mas onde aprender a praticar e avaliar com clareza aspectos particulares de cada evento linguístico, tendo como princípio o uso efetivo da língua como um direito inerente a cada pessoa, de forma a garantir uma apropriação desse instrumento de comunicação, para que este venha a ser um meio de exercer a cidadania plenamente? Concordemos que não há lugar melhor para isso do que a escola, pois esta também se configura como um direito e até mesmo um dever de qualquer criança ou jovem.

Porém, temos visto equívocos em torno das práticas de ensino, o que ocorre em várias facetas do ambiente escolar. No campo da língua, ainda há a reprodução infeliz do discurso que leva a comunidade escolar a acreditar que somente os/as detentores/as da variedade padrão da língua são dignos de credibilidade, em detrimento das variedades periféricas, que representariam uma “vergonha para seus falantes”, segundo tal discurso. Assim, a escola marginaliza determinados grupos ainda mais, quando sua função deveria ser o fortalecimento dos grupos minoritarizados.

Tendo em vista tal particularidade frequentemente presente nas escolas públicas, trazemos o desafio de contribuir para a consciência linguística crítica dos estudantes, por meio de análises reflexivas na sala de aula acerca da diversidade de usos da língua portuguesa, a fim de que estes/as, além de se apropriarem com conhecimento de causa da língua, se tornem agentes transformadores/as do ambiente em que vivem, através do combate a preconceitos e da expressão confiante de suas originalidades. Com esse intuito, o ensino de Língua Portuguesa, que anteriormente tinha como prioridade o domínio da modalidade escrita padrão, passa a ter como objetivo a atuação discursiva do/da estudante além dos muros da escola (LAVOR e VIANA, 2019, p. 25).

A desvalorização de certas variedades da língua, que é uma das diversas linguagens existentes no âmbito da comunicação humana, é algo que me incomoda, como professora de Língua Portuguesa, e incomoda também a muitos/as colegas, profissionais de Letras. Mas quando essa mazela acontece no ambiente escolar, esse incômodo parece tornar-se ainda mais ampliado, já que isso reflete diretamente na concepção que os cidadãos/ãs têm da língua. Bagno afirma que:

Tudo isso cria o que eu chamo de baixa autoestima linguística: os brasileiros em geral têm vergonha ou medo de falar e de escrever em situações um pouquinho mais formais porque acreditam que a língua que eles realmente conhecem não “serve” para essas situações. (BAGNO, 2009, p. 40).

A escola, que deve ser um lugar que preza pelo respeito à diversidade, ainda tem sido espaço de reprodução do discurso que valoriza a tradicional supremacia da variedade formal da língua portuguesa. Conforme aponta Bagno (2003), a variedade formal é utilizada como "garantia suficiente para a inserção do indivíduo na categoria dos que podem falar; dos que sabem falar, dos que têm direito à palavra" (BAGNO, 2003, p. 191), sendo que essa categoria geralmente é representada na escola pelos/as próprios/as professores/as. Uma pesquisa de campo, a exemplo, realizada no estado do Pará por Silva e Silva (2015) mostra o quanto são comuns as práticas de correção da fala de alunos e alunas, o que pode contribuir para dificultar a quebra de um paradigma tão enraizado no meio escolar: a discriminação. Na pesquisa, quando perguntados/as se corrigiam seus alunos e alunas pelo modo de falarem, 90% dos professores e das professoras de uma escola municipal disseram que sim. Já os alunos e alunas da mesma escola, quando

perguntados/as se sentiam sofrer preconceito pelo modo de falarem, 82% responderam que sim. Além disso, ao serem perguntados/as se sentiam-se constrangidos/as quando eram corrigidos/as pelos/as docentes ou colegas de classe, 75% desses/as estudantes disseram que sim e 5% deles disseram que às vezes sentiam-se constrangidos/as (SILVA E SILVA, 2015).

Já tive o desalento de presenciar alunos e alunas sendo corrigidos/as e criticados/as em suas falas por seus/suas professores/as frente aos/às colegas de classe e a outros/as docentes, o que perceptivelmente causa certo constrangimento, podendo assim prejudicar o desenvolvimento desses/as estudantes enquanto seres de direito a voz e vez em nossa sociedade. Além disso, muito me incomoda o fato de esses/as alunos e alunas, por vezes, não demonstrarem ter qualquer conhecimento acerca de questões linguísticas e discursivas que envolvem poder e preconceito, o que me faz pensar que falta uma abordagem mais incisiva da escola acerca das práticas linguísticas possíveis no campo da comunicação. Até porque o que se costuma ver ainda na escola são práticas meramente escolares, mecanizadas, que pouco contribuem para o ensino-aprendizagem reflexivo, conforme descrevem Faraco e Zilles (2017):

Nas salas de aula, também as práticas de produção de texto, quando ocorrem, tendem a ser reduzidas à escrita de redações escolares, que servem apenas à avaliação caça-erros por parte dos professores, uma vez que não são efetivamente lidas e discutidas com os alunos e nem servem a nenhum outro propósito social que não seja a reafirmação do certo-errado e a atribuição de uma nota. (FARACO; ZILLES, 2017, p.183)

Dessa forma, considerando a escola o melhor lugar possível para apreender e analisar características inerentes a processos linguísticos variados como uma garantia do direito à palavra, propus-me levar estudantes à consciência dos usos da língua que demonstram certa frequência da não priorização da norma imposta como padrão. A análise de *posts* e comentários presentes nas redes sociais, de vídeos e de notícias, que evidenciam e questionam a reprodução do mito da língua perfeita, foi o caminho escolhido para esse processo de conscientização.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a consciência linguística crítica dos estudantes, por meio de análises reflexivas na sala de aula acerca da diversidade de usos da língua portuguesa.

Os objetivos específicos para a realização da pesquisa são as seguintes propostas: discutir com os estudantes de que forma se manifesta o preconceito em relação à língua; problematizar a insistência das pessoas em corrigir e criticar usos diversificados da língua; estimular o desenvolvimento de uma consciência decolonial¹ em relação à língua; possibilitar que os/as alunos/as reconheçam o direito de expressão de qualquer pessoa, sem que pareça que esta esteja o tempo todo em um tribunal dogmático de regras de uso da língua.

Ainda em 1998, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) preconizaram os aspectos a serem observados para o ensino de Língua Portuguesa, entre eles:

Os objetivos no Ensino Fundamental indicam que os alunos sejam capazes de: compreender a cidadania como participação social e política, assim como, o exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeito ao outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; (BRASIL, 1998, p. 55)

Vinte anos depois, a *Base Nacional Comum Curricular* - BNCC (BRASIL, 2018) estabelece, como primeira competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, a compreensão e a percepção da língua como objeto heterogêneo, inerente à sociedade:

Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. (BRASIL, 2018, p. 87)

Contudo, parece que a percepção por parte de alguns/algumas docentes de Língua Portuguesa passa pelo viés segundo o qual exercer a cidadania significa fazer uso da variedade padrão da língua. Citando Cagliari (2000), Souza (2016) traz a observação de que:

A escola é orientada a ensinar a língua da classe dominante, no sentido de incorporar esse comportamento preconceituoso da sociedade em geral, em que rotulam seus educandos pelas maneiras diferentes de falar, com preferência em adotar os termos: certo e errado, numa falsa visão de realidade. (SOUZA, 2016, p. 20)

¹ Vale ressaltar que a pedagogia decolonial, que vai além de uma postura de resistência e questionamentos de padrões coloniais nas instituições educacionais, visa transformar os movimentos sociais na luta pela superação das desigualdades e das discriminações (WALSH; OLIVEIRA, 2018).

Dessa forma, vemos que, segundo essa percepção, o direito à cidadania seria uma conquista de quem conseguir apreender uma única variedade da língua, a ser ensinada na escola, bem como eliminar a diversidade linguística popular, que “envergonha” a sociedade.

Tendo em vista esses apontamentos iniciais, é justificável a ampliação e divulgação de estudos acadêmicos que tenham como abordagem principal a valorização da diversidade linguística, tanto para o empoderamento de seus falantes/escreventes, quanto para a conscientização dos/das profissionais de ensino de que estes/as não devem permitir ser instrumentos de perpetuação do domínio de classes através da língua. Quanto ao lugar ocupado pelo interesse na pesquisa da temática aqui abordada, é cabível trazer uma observação de Rodrigues:

Uma pesquisa que tenha como objeto algum desses elementos – diversidade e/ou direitos linguísticos – não apenas é reveladora da posição que neles ocupa o sujeito pesquisador que a realiza, mas principalmente das demandas e requerimentos impostos à sociedade de modo geral e a esse sujeito de modo específico pelas condições de produção. (RODRIGUES, 2018, p.51)

Presumo, portanto, o reconhecimento desse espaço acadêmico-científico como um “lugar de resistência a ser ocupado, e não, nunca, como espaço de legitimação de discursividades hegemônicas” (RODRIGUES, 2018, p. 51). Contudo, na busca pela equidade de direitos linguísticos, parece existir certa tensão que reflete na sociedade e no senso comum, que tende a abarcar o conceito de língua enraizado há muitos séculos. Mendonça (2006) observa que, nessa busca:

O diálogo sobre língua entre linguistas e sujeitos que participam da cidade das letras no Brasil é tenso. Essa tensão tende a se manter, porque o discurso purista que constitui o senso comum no país é incompatível com o discurso do linguista que valoriza o falante comum. (MENDONÇA, 2006, p. 204).

O intuito, então, na pesquisa que objetiva a valorização da diversidade linguística, é evidenciar dados e argumentos que legitimem as mais variadas práticas linguísticas, ao enfatizar como se dá o seu uso, quais são as suas recorrências e qual é o seu grau de relevância na construção de identidades e no processo de aquisição e desenvolvimento de linguagens. Isso posto, estimo com essa pesquisa contribuir, por meio de análises de amostras, com os estudos sobre o uso espontâneo da língua e sua recepção pelos interlocutores, a fim de influenciar positivamente a autoafirmação de estudantes da educação básica em suas práticas

de aprendizagem. A seleção que realizei, em redes sociais, de *posts* e comentários que evidenciam preconceitos, mitos e falhas de concepção em relação a práticas linguísticas, pressupõe a elucidação do que acontece, por que isso ocorre e como os/as estudantes podem lidar com tais atitudes.

No capítulo 1, a seguir, apresento os fundamentos teóricos que nortearam a pesquisa realizada com fins de produção desta dissertação. Dou início à seção inicial trazendo uma reflexão sobre o caráter plural da língua. Com toda a sua diversidade, a língua materna é um direito de qualquer pessoa e isso é apontado na seção 1.1. Na seção 1.2, temos as contribuições conceituais sobre ataque linguístico, linguicídio e colonialidade da linguagem, especialmente com o Racismo linguístico de Nascimento (2019). O papel da escola na conscientização linguística é elucidado brevemente na seção 1.3, com propostas que visam romper com “traumas linguísticos” (ARAGÃO, 2010). Na seção 1.4, relembro a ideologia da Gramática Tradicional abordada por Bagno (2000), para em seguida destacar a perspectiva variacionista no ensino de língua portuguesa (seção 1.5), finalizando assim a abordagem teórica.

No capítulo 2, descrevo a metodologia e a proposta didática que direcionam a pesquisa realizada, buscando esclarecer como cada atividade poderia contribuir com a conscientização linguística na Escola Municipal Aurélio Pires, em Belo Horizonte - MG, bem como o processo de elaboração da proposta e os suportes textuais pesquisados.

No capítulo 3, apresento os cinco módulos que compõem a realização da pesquisa. Cada módulo apresenta atividades que dialogam com a proposta didática, com textos de gêneros digitais multimodais e popularizados, que permitiram que os/as estudantes se vissem familiarizados/as com a proposta de ensino.

Por fim, as considerações finais trazem minha reflexão acerca da aplicação da proposta didática e dos resultados alcançados, destacando a importância do processo de conscientização linguística pelo qual os/as alunos/as passaram.

“Eu não nasci rodeada de livros, nasci rodeada de palavras”
(Conceição Evaristo)

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Como existe uma diversidade de usos da língua disponível para falantes e escreventes, não faz sentido a imposição de apenas um deles como o correto e ideal, já que a língua é viva e se transforma juntamente com as transformações que ocorrem na sociedade. Este fenômeno vem sendo estudado e, apesar da necessidade de ampliação das divulgações desses estudos, há uma considerável produção de teóricos e trabalhos que tomam como ponto de partida o caráter plural da língua, tomada aqui pelo viés no qual, segundo Faraco e Zilles (2017, p.12) “norma equivale à variedade linguística”, referindo-se a “como se diz”, não a “como se deve dizer”.

1.1. A língua materna como um direito de todos, todas e todes

O conceito de língua como um direito de qualquer sujeito perpassa aqui pela ideia de que é necessário garantir que as pessoas possam se comunicar usando a língua materna, tal qual a tenham adquirido a partir de suas vivências. Porém, o processo histórico da relação entre a sociedade e suas características culturais levou à suposição de que o direito linguístico corresponde ao direito de aprender e usar bem a variedade padrão de uma língua, conforme aponta Faraco:

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou [...], ao longo da história, um processo fortemente unificador [...], que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. (FARACO, 2002, p.40)

Acerca da temática, Rodrigues (2018) apresenta como contribuição o artigo “A noção de Direitos Linguísticos e sua garantia no Brasil: entre a democracia e o fascismo”. Em seu texto, a autora defende que “direitos linguísticos e diversidade linguística são sintagmas quase inseparáveis” (2018, p.50). A abordagem de Rodrigues (2018), que tange os Direitos Linguísticos de grupos minoritarizados como indígenas, imigrantes e pessoas surdas, situa o contexto histórico de questões sociais que envolvem as línguas, como abaixo:

Todo o aparato estatal de “construção de identidades” para as nações independentes americanas durante o século XIX – e, no caso do Brasil, também início do século XX – operou com o fim de “inventar” essa língua nacional: normatizá-la e torná-la língua de instrução do sistema educativo por meio da produção e da circulação de instrumentos linguísticos, dotá-la de prestígio para alçá-la à

condição de língua de cultura e, ademais, produzir a distinção entre “os que têm/sabem” essa língua e os que não. (RODRIGUES, 2018, p. 40)

Dessa forma, Rodrigues (2018) mostra o papel dos Estados na tentativa de construção de um ideal linguístico que constituiria as identidades dos povos americanos, e expõe a origem do peso cultural da variedade padrão, contrapondo-o à tendência necessária a uma abordagem sociolinguística da língua, já que a legislação internacional sobre direitos linguísticos, na segunda metade do século XX, passa a destacar os caminhos da diversidade. Inicialmente não foram vistas mudanças políticas no Brasil quanto ao trato da língua sob a perspectiva da diversidade, na contramão da tendência supracitada, conforme demonstra Rodrigues:

Quanto a políticas linguísticas públicas de reconhecimento e valorização da diversidade linguística posteriores à Constituição de 1988, somente no início do século XXI algumas iniciativas começaram a surgir, de maneira geral, vinculadas à luta de sujeitos, grupos ou comunidades, e praticamente nunca como iniciativas do Estado. (RODRIGUES, 2018, p. 42)

Segundo as observações de Rodrigues (2018), a manutenção dos direitos linguísticos no Brasil perpassa a implementação de leis e políticas que objetivam proteger a língua, mas não os/as falantes como sujeitos culturais, o que resulta em um silenciamento dos grupos minoritarizados. Assim, fica evidente a falta de reconhecimento de especificidades que diferenciam os usos das línguas, como o contexto, o espaço e os sujeitos. Em conformidade com essa premissa, Abreu (2020) aponta a Constituição de um país “como um espelho da existência e da eficácia de políticas de garantia de Direitos Linguísticos” (ABREU, 2020, p. 178). Na falta dessa atuação, segundo Abreu (2020), há margem para o reforço dos “conflitos linguísticos”, nos quais sempre existe uma queda de braço entre a diversidade linguística e a tentativa de supremacia por parte de representantes dos falantes/escreventes da variante dotada de prestígio. A ideia defendida aqui, portanto, baseia-se na premissa de que é urgente “decolonizar, democratizar e desmercantilizar a relação dos sujeitos com as línguas” (RODRIGUES, 2018, p. 42), com o objetivo de proporcionar aos/às falantes/escreventes “consciência linguística, e também consciência histórica, social e política ao mesmo tempo” (RODRIGUES, 2018, p. 42).

Dessa forma, fica evidente a necessidade de desvencilhamento da ideia na qual grande parte da população acredita: o atrelamento da cidadania à aprendizagem da variedade da língua imposta para a sociedade, em detrimento do uso da variedade da língua apreendida na própria comunidade. Parece controverso pensar que

Trata-se, na verdade, de democratizar a língua oficializada na mídia e em documentos oficiais a fim de que essa população tenha a autonomia de reconhecer seus direitos e deveres enquanto sociedade civil. Portanto, estamos falando de uma população que tem direito à língua do Estado. (DE SOUZA SILVA; SARAIVA, 2022, p. 372)

Porém, esse pensamento é válido desde que ter direito à língua do Estado signifique que essa deve ser acessível, e não um dificultador do acesso da população ao conhecimento. Ou seja, é preciso considerar que as variedades da língua não devem ser idealizadas, mas devem ter como base sempre o uso.

Vale lembrar que muitas dessas discussões em relação aos direitos linguísticos devem-se ao apagamento e às tentativas de apagamento de línguas como as dos povos originários, que continuam lutando por manter o pouco que ainda lhes resta: suas culturas, suas religiões e suas línguas. De qualquer forma, esses apontamentos tornaram-se essenciais também em relação às variedades linguísticas da língua portuguesa, até mesmo pelas origens de suas existências: a formação do território brasileiro por diferentes povos, de diferentes lugares e línguas.

1.2. Ataque linguístico, linguicídio e colonialidade da linguagem

Fazendo um recorte sobre as opressões vividas por determinados grupos da sociedade, a opressão contra pessoas não brancas advém de projetos de poder como o colonialismo. E para Nascimento (2019), as formas de dominação são materializadas a partir da língua:

[...] ao serem politizadas, as línguas têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos de poder, dentre os quais o próprio colonialismo fundado a partir de 1492 e a colonialidade que ainda continua entre nós como continuidade dele. (NASCIMENTO, 2019, p.19)

Em sua obra **Racismo Linguístico**, o estudioso correlaciona epistemicídio e linguicídio como ofensivas que decidem que “as línguas dos brancos são línguas nacionais enquanto as demais não são sequer línguas e são apenas dialetos.”

(NASCIMENTO, 2019, p.22). Conseqüentemente, na tentativa de desassociar sua produção da língua às variedades linguísticas desprovidas de prestígio, o próprio falante branco e urbano produz, por exemplo, desvios de concordância relacionados à variedade padrão, como a hipercorreção (Nascimento, 2019, p. 23).

Para elucidar seus apontamentos, Nascimento traz, entre outros/as teóricos/as, Lélia Gonzalez e sua proposta de nomear a língua portuguesa falada no Brasil como “pretoguês”, para reforçar seu pensamento de que o racismo linguístico é real e precisa ser evidenciado:

[...] Penso, e não vejo motivo para não pensar isso, que, para além de oportunizarem preconceito linguístico, os compêndios gramaticais e a indústria do bom português são racistas. O racismo linguístico, como os demais num país dominado por um princípio de democracia racial que jamais existiu, passa ao largo se não nomearmos devidamente suas facetas. (NASCIMENTO, 2019, p. 50)

É importante evidenciar o trabalho de Nascimento (2019), pois o autor aponta com convicção que as elites, representadas por programas de TV e outros meios de comunicação que ensinam “como falar e escrever português corretamente”, evidenciam seu preconceito racial no Brasil, em seu caráter linguístico.

Inevitavelmente, o preconceito manifestado na imposição de um português imaginário parece transformar a língua em uma vilã opressora, mas hooks² (2017) nos lembra que a língua, no caso dela a inglesa, é um instrumento de opressão, mas não propriamente a opressora:

[...] sei que não é a língua inglesa que me machuca, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para transformá-la num território que limita e define, como a tornam uma arma capaz de envergonhar, humilhar, colonizar. (hooks, 2017, p. 224)

Seguindo seu raciocínio, a então professora hooks (2017) aposta na subversão da variedade da língua imposta como padrão como uma forma de resistência e luta, encorajando seus alunos, por exemplo, a usarem seus vernáculos durante suas aulas, prioritariamente em relação ao inglês padrão. Os desafios do português não são diferentes, visto que os critérios de opressão partem dos mesmos ideais coloniais e hegemônicos.

² A própria autora decidiu adotar o uso de seu pseudônimo com todas as letras em minúsculo, como forma de destacar o pensamento em detrimento da pensadora.

Acerca da colonialidade da linguagem, Veronelli (2021) propõe uma mudança de paradigma no que tange ao conceito de linguagem, o que permitiria evidenciar que a comunicação entendida a partir da lógica da modernidade/colonialidade tende a hierarquizar as relações linguísticas, determinando diferentes formas de comunicação como superiores ou inferiores, de acordo com o critério de classificação de raças humanas. Essa mudança seria um passo para o desvencilhamento das práticas linguísticas que relacionam o ser e sua forma de dizer ao grau de importância daquilo que é dito, passando a se priorizar, assim, a percepção dos sujeitos, independentemente de suas origens e línguas, como seres humanos passíveis de contribuir com seus conhecimentos nos meios em que se comunicam.

1.3. O papel da escola na conscientização linguística

Para proteger, portanto, não a língua, mas os seus/suas falantes/escreventes, é necessário que a escola evidencie o reconhecimento do português brasileiro como um conjunto de variedades em pleno processo de transformação. Bagno e Rangel (2005) ressaltam essa evidenciação como uma das tarefas da educação linguística no Brasil:

É inadmissível que tantas formas linguísticas características do português brasileiro - presentes inclusive e há muito tempo na língua escrita mais monitorada e na produção literária - continuem sendo tratadas como "erros a serem evitados" pelos compêndios gramaticais, pelos livros didáticos e pelo ensino de modo geral. (BAGNO; RANGEL, 2005, p.71).

A escola deve ser, nesse viés, o lugar de multiplicação da conscientização linguística. Em outras palavras, é preciso "*politizar* a discussão, na escola, acerca das noções de certo e errado que circulam na sociedade em torno de questões linguísticas" (BAGNO; RANGEL, 2005, p.74). Isso porque essas noções perpetuam desigualdades e enfrentamentos injustos em situações comunicativas diversas, que tendem a ser monitoradas por aqueles que julgam ser os/as guardiões/ãs de uma "língua pura" que sequer existe. O preconceito emerge nestes/as na forma conceitual de que a linguagem seria a expressão do pensamento (TRAVAGLIA, 2009), cujo nível de organização seria exteriorizado de forma proporcional, desconsiderando o contexto de interação e as nuances da língua.

Sobre essa urgente necessidade de manutenção das estratégias de ensino de língua portuguesa, sobretudo em regiões com prevalência das formas de comunicação que mais causam estigmas sociais, Aragão propõe:

[...] que não haja somente um bidialetalismo, mas um multidialetalismo na sala de aula [...], uma vez que o aluno é oriundo de uma determinada região, pertence a uma classe sócio-econômico-cultural específica, é criança, adolescente ou adulto; é homem ou mulher; e usa a língua em contextos extralinguísticos os mais variados possíveis. (ARAGÃO, 2010, p. 40)

Para problematizar o ensino de língua portuguesa no Brasil, a estudiosa chama de “traumas linguísticos” as consequências causadas pela falta de autoidentificação dos/das estudantes com uma variedade da língua portuguesa que mais parece ser estrangeira, visto tamanha falta de lógica na forma de sua abordagem, feita pela escola e pela sociedade aristocrata, o que traz “dificuldades para o estudante e não raras vezes para os professores e outros profissionais liberais, atuantes na comunidade” (ARAGÃO, 2010, p. 41). Para sanar esse obstáculo educacional, o papel da escola na conscientização linguística deve ter como base estudos linguísticos que mantenham posturas inclusivas (MOITA LOPES, 2013) e que rompam com o tradicionalismo excludente, ao considerarem as línguas como resultados de processos sociais.

1.4. A ideologia da Gramática Tradicional

Os chamados “traumas linguísticos” (ver seção anterior) descritos por Aragão (2010), vêm sendo mantidos por uma ideologia que permeia a Gramática Tradicional e precisa ser combatida, segundo Bagno:

Nos devemos bater é contra os usos e os abusos perpetrados por aqueles que, arrancando a Gramática Tradicional do lugar que legitimamente é o seu - o da reflexão filosófica, o de ferramenta de investigação dos processos cognitivos que permitem ao ser humano fazer uso da linguagem - impuseram-lhe o papel de doutrina canônica, de conjunto de dogmas irrefutáveis, de verdades eternas. (BAGNO, 2000, p.17)

O autor aponta, nessa perspectiva, tal ideologia como algo que acaba fazendo da Gramática Tradicional uma pseudociência, já que a ideia de língua pura não admite refutações às quais qualquer ciência que se preze está sujeita. Longe disso, o papel da Gramática Tradicional está, assim, a serviço das classes dominantes, que impõem um modelo a ser referenciado, classificando qualquer

prática diferente desse modelo como algo feio ou inapropriado. Esse tipo de imposição, que inclui regras de etiqueta e comportamento, já praticada no século XVII pela alta sociedade francesa (REVEL, 1986), precisa ser colocada em evidência como algo excludente, que despreza outras culturas e línguas e reforça o estereótipo de que a diversidade linguística, ou seja, aquela que diverge da variedade padrão, precisa ser banida da sociedade, pois

A diferença entre descritivo e normativo costuma ser muito mal-entendida pelo senso comum. E isso porque neste é corrente a crença (forte) de que no universo linguístico há formas que são boas, corretas (e devem por isso, ser usadas) e outras que são ruins, erradas (e devem, por isso, ser condenadas e evitadas). Assim, para o senso comum, a única atitude que faz sentido é a normativa. Há nele uma expectativa de que asserções sobre fatos linguísticos se pautem por essa crença e a reforcem. (FARACO E ZILLES, 2017, p.92)

Ainda sobre o papel da escola na conscientização linguística, para a qual o processo de ensino-aprendizagem deve ser pautado na diversidade, torna-se importante trazer as discussões propostas por Faraco e Zilles (2017), que consideram o “ensino produtivo” como uma estratégia a ser adotada por professores/as no “ensino da língua que não esteja amarrado ao certo-errado” (2017, p.189) e que tenha como base um conjunto de variedades que são utilizadas em diferentes meios e contextos e que possuem gramáticas distintas:

Em nosso entendimento, essa é a razão fundamental para rejeitarmos a régua estreita do certo-errado, que nada mais é do que usar a gramática da norma-padrão para julgar enunciados construídos segundo outras normas, outras gramáticas, justamente as gramáticas das outras variedades da língua. (FARACO; ZILLES, 2017, p.195)

Dessa forma, observamos a necessidade de que os/as estudantes tenham claro conhecimento dos problemas causados pela imposição do uso da variedade padrão da língua, até porque essa, na visão de Faraco e Zilles,

[...] por seu distanciamento das práticas efetivas dos falantes em nossa sociedade e por tantas outras características discutíveis, de pouca serventia é, por si só, para os camaleões que interagem aqui e agora, e não no imaginário do século XIX. (FARACO; ZILLES, 2017, p. 203)

O teórico e a teórica classificam como camaleões os/as falantes e os/as escreventes que empregam diferentes registros linguísticos em situações diversas de comunicação. Isso reforça a ideia de que um ensino engessado pouco tem a

contribuir para o desenvolvimento das habilidades comunicativas do/da estudante, que precisa dispor de oportunidades de expressão da sua identidade, como um ser participativo e atuante no meio em que vive. Por isso, a conscientização linguística torna-se fundamental para o rompimento de ciclos discriminatórios, dando lugar a uma ideologia linguística emancipatória.

1.5. Perspectiva variacionista no ensino de língua portuguesa

Pensando em "um *continuum* relativo à modalidade linguística", Vieira e Barbosa (2022) propõem um ensino reflexivo que contemple diferentes eixos gramaticais em uma diversidade de gêneros textuais, que circulam em diversos espaços de fala e escrita do Português Brasileiro (PB). As autoras defendem, nessa perspectiva, que

[...] é possível aliar conhecimento científico a partir dos resultados de pesquisas realizadas sobre o PB falado e escrito, à promoção de reflexões linguísticas em sala de aula e à organização de orientações normativas que respeitem a pluralidade de normas de uso. (VIEIRA; BARBOSA, 2022, p. 52)

Com base nesse estudo, no qual Vieira e Barbosa (2022) propõem um trabalho pedagógico que aborda “a alternância ter/haver em construções existenciais”, é possível pensar em análises como a do uso de tu/você nas diferentes modalidades linguísticas do português brasileiro, pois, em relação ao que acontece em Portugal,

A situação no Brasil é bastante diferente. Você é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome tu restrito a algumas variedades regionais. A razão para esse uso tão amplo de você no Brasil deve ser encontrada, certamente, na história da formação do País. (FARACO, 2017, p.121)

Torna-se fundamental assim o papel da escola de levar os/as alunos/as a reflexões que contrapõem e, conseqüentemente, atualizem e legitimem o papel da língua normativa em relação aos usos reais. Especificamente em relação aos usos do tu/você, há disponível arcabouço teórico que pode contribuir com o trabalho reflexivo em sala de aula, que vem permitir um olhar que se origina no conhecimento científico e produz análises empíricas da língua, a partir de uma pluralidade de usos. Faraco (2017), acerca dos usos do tu/você, afirma que

[...] as formas verbais da segunda pessoa do plural se arcaizaram; aquelas da segunda pessoa do singular são ainda de

largo uso em Portugal e de uso regionalmente restrito no Brasil, onde se registra, em certas variedades, a ocorrência de tu em combinação com formas verbais de terceira e não de segunda pessoa, fato que remete ao período inicial de instabilidade da concordância [...]. Todas as alterações do paradigma da conjugação verbal determinou uma concentração de funções sobre a terceira pessoa do verbo: ela agora pode ocorrer tanto com sujeitos dêiticos referindo-se à segunda pessoa do discurso, quanto com sujeitos de terceira pessoa. (FARACO, 2017, p.123)

Dessa forma, um trabalho embasado em tais considerações não se limita a ser subversivo, mas evidencia fatos irrefutáveis, do ponto de vista de pesquisadores da língua que trazem registros de usos das variedades da língua em suas contribuições. No projeto de ensino elaborado para a pesquisa que conduz esta dissertação, foram apresentadas atividades que exemplificam e legitimam os usos do tu/você no Brasil, entre outros registros, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma consciência linguística pautada na diversidade.

No capítulo seguinte, serão detalhadas a metodologia e a proposta didática que norteiam o presente trabalho.

“[...] Mas a festa foram eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega pra cá, chega pra lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso [...].”

(Lélia Gonzalez, 1983, p. 223)

2. METODOLOGIA

A pretensão para o estudo proposto, denominado Pesquisa-Intervenção, visando “objetivos educacionais, voltados para a tomada de consciência e para a produção de conhecimentos considerados relevantes não apenas para o grupo investigado” (TOLEDO; JACOBI, 2013, p. 158), de natureza qualitativa, perpassa a escola como um todo e como parte de uma comunidade. No entendimento de Rocha e Aguiar (2003),

O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 67)

Tendo como foco a conscientização linguística dos/das estudantes, por meio da análise de posts, comentários, notícias e vídeos, propus todo o processo do trabalho inicialmente para ser discutido com um grupo de em média trinta alunos e alunas do 6º ano e do 7º ano da Escola Municipal Aurélio Pires, situada em Belo Horizonte, bem como compartilhado com toda a comunidade escolar.

A Escola Municipal Aurélio Pires está localizada na regional Pampulha e possui um público diversificado, recebendo estudantes principalmente dos bairros Liberdade e Universitário, bem como das comunidades da Vila Santa Rosa, da Vila Aeroporto e do bairro São Francisco, entre outros bairros e vilas da região. O contraste social é evidenciado em algumas situações no ambiente escolar e, não raro, é possível ouvir falas como “menino de favela” e “menino de prédio” entre os estudantes. A referência a drogas e violência é prática rotineira na escola, mais evidente entre os/as estudantes em vulnerabilidade social. A escola possui mais de 75 anos de fundação, portanto já foi chão de diferentes gerações, inclusive de pais e avós de alunos/as que nela estudam. Esta curta descrição vem a justificar mais uma vez a importância da realização de um trabalho de conscientização com os/as estudantes da Aurélio Pires.

Sobre a elaboração do projeto de intervenção, minha intenção foi sua realização e avaliação em seu caráter didático, além da ampla divulgação dos estudos realizados. Através desse trabalho, priorizei a observação de amostras que

representam variedades do português brasileiro que divergem da variedade padrão da língua portuguesa, bem como da naturalidade desses registros e dos motivos pelos quais alguns deles são tão criticados. A turma pôde observar essas ocorrências em *posts*, comentários, vídeos e notícias da internet, refletindo sobre os casos em que ocorrem situações de críticas e preconceitos por parte dos/das aqui chamados de guardiões/ãs de uma língua que sequer existe. Depois da aplicação didática, minha pretensão seria a elaboração de um material informativo sobre a análise e as reflexões feitas durante o projeto de intervenção, o que não foi possível realizar no curto período destinado a este trabalho.

Para a obtenção do consentimento de aplicação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), primeiramente, apresentei à direção da Escola Municipal Aurélio Pires, situada em Belo Horizonte, na região da Pampulha, os objetivos, métodos, benefícios previstos, riscos potenciais e incômodos que poderiam ser acarretados pela execução da pesquisa no ambiente escolar, observando que seriam tomadas todas as providências para minimizá-los.

Obtida a autorização da pesquisa pela direção, por meio da carta de anuência (APÊNDICE A), iniciei a exposição para os/as estudantes da proposta de investigação, seus objetivos, métodos, fases previstas, possíveis benefícios advindos e possíveis riscos. Esclareci que as singularidades de cada participante seriam resguardadas, assim como seu anonimato. Dentre os benefícios, foi explicitada a expectativa de retorno social proveniente da consciência linguística, do fomento à participação em grupos de discussão e da promoção do aprendizado de língua portuguesa em suas diversas nuances. Os/as estudantes foram informados/as sobre as medidas para mitigar qualquer tipo de desconforto decorrente da participação no projeto e sobre a possibilidade de deixar as oficinas, caso não se sentissem motivados/as a continuar.

A participação foi voluntária e condicionada à assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (APÊNDICE B), pelos/as estudantes, e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE C), pelos/as responsáveis. Esses documentos foram redigidos em linguagem acessível e garantiram os direitos e a anuência dos/das participantes, informando todos os detalhes da pesquisa (natureza, responsável pela execução, endereço e o número

de telefone do COEP-UFMG para prestações de informações, objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e incômodos que eventualmente poderiam acarretar).

As etapas do projeto de ensino foram compostas de 5 módulos, que totalizam em cerca de 24 horas, com atividades escritas e orais (registradas através de um aplicativo de gravador de voz), realizadas em grupos e individualmente. No capítulo seguinte, será apresentado o detalhamento dos módulos planejados para aplicação.

“Êsquiz q’eu isse cô es”
(ver Tourinho)

3. PROPOSTA DIDÁTICA

As etapas e os procedimentos que integram a seguinte proposta didática têm como ponto de partida as perspectivas que norteiam cada conteúdo selecionado para aplicação e análise. Esses conteúdos são frutos de intensas pesquisas realizadas em diferentes redes sociais, com o objetivo de evidenciar e exemplificar a realidade das relações linguísticas nas quais as pessoas guiadas pelo senso comum e pelas imposições de padronização estão inseridas.

3.1 Gêneros que evidenciam diversidade linguística e multimodalidade

Este projeto de ensino está organizado em torno dos gêneros discursivos posts e comentários em redes sociais, vídeos e notícias. Essa escolha vai além da evidente diversidade linguística que os textos apresentam, já que fazem parte de práticas não-escolares de letramento (KLEIMAN, 2010). Essa escolha considera a capacidade desses gêneros de alcançar um leitor por meios que vão muito além da linguagem verbal, levando em conta uma perspectiva de multimodalidade, de acordo com Gualberto e Santos (2019). As curtidas podem veicular uma mensagem, bem como as diversas semioses que compõem os textos. Até mesmo o *layout* do texto, com o qual o/a aprendiz tenha maior familiaridade, pode contribuir para a sua compreensão. Pensando em um ensino voltado para práticas que façam sentido para o/a estudante, o que dizem Gualberto e Santos (2019) acerca da atual dinamicidade no uso da língua vem a somar:

A crescente ubiquidade do som, da imagem, do cinema, da televisão, da internet etc. está, sem dúvida, atrás dessa nova ênfase e interesse na complexidade multissemiótica das representações que produzimos e vemos ao nosso redor. (GUALBERTO; SANTOS, 2019, p. 7)

Dessa forma, na elaboração desta proposta didática, levamos em consideração que textos multissemióticos são ideais para representar a pluralidade, particularmente a diversidade linguística, como um aspecto legítimo e passível de análises, já que faz parte do modo como as pessoas interagem, utilizando das mais variadas possibilidades.

A seguir estão detalhados todas as etapas e todos os procedimentos que fizeram parte do planejamento do projeto de ensino, contendo os objetivos e

expectativas em relação às abordagens e às reflexões acerca dos conteúdos apresentados.

3.2 Etapas e procedimentos

ETAPAS	PROCEDIMENTOS
<p>Apresentação do projeto</p>	<p>Explicação sobre as etapas e procedimentos subsequentes, sensibilizando a turma para a participação do projeto de ensino.</p>
<p>Módulo 1- A língua tem controle remoto?</p> <p>Duração: 5 horas</p> <p>Perspectiva inicial:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ A língua como alvo de correção e deboche. ❖ Há limite no humor? ❖ Mania de correção: isso é apropriado? 	<p>Parte 1</p> <p>Reflexão acerca do vídeo de Franklin Medrado, seguido nas redes sociais pelo caráter cômico e vivencial de suas produções.</p> <p>No vídeo, o humorista/<i>influencer</i> faz uma encenação na qual dois personagens, interpretados pelo próprio artista, engatam uma discussão, em formato de musical, acerca das palavras cumprimento/comprimento. O vídeo foi escolhido por apresentar, além da temática, uma caracterização dos personagens que parece associar o uso da variedade padrão a uma vestimenta com aparência mais formal, enquanto aquele que não se expressa de forma condizente à norma-padrão se veste de forma mais despojada.</p> <p>Observar se os/as estudantes sentem algum incômodo em relação ao vídeo em dois momentos: antes e depois de assistirem a um segundo vídeo: “Qual o limite do humor?”, no qual o palhaço Márcio Libar expõe seu ponto de vista: o fato de o humor funcionar não significa que, em certos casos, ele não seja uma afronta a outrem.</p> <p>Parte 2</p> <p>Reflexão acerca de comentários em um post que traz a notícia de uma médica que foi encontrada morta no banheiro de um hospital.</p> <p>Observar se os/as estudantes identificam as opiniões impetradas nos</p>

	<p>comentários, e como avaliam a postura dos envolvidos/as em relação à prática comunicativa através da língua. Nessa parte, enfatizar a importância da construção de reflexões em grupo, já que, para elaborar seus apontamentos, a turma deverá dividir-se em grupos.</p> <p>Encontro final do módulo Ao final da parte 2, solicitar, para o próximo encontro, que cada estudante responda com um comentário crítico, tomando por base as atividades realizadas, a pergunta inicial: A língua tem controle remoto? Durante o encontro, fazer uma discussão em um círculo, no qual os/as alunos/as serão convidados/as a lerem seus comentários.</p>
<p>Módulo 2- Língua e Sociedade: quem dita as regras?</p> <p>Duração: 5 horas</p> <p>Perspectiva inicial:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ O preconceito linguístico escancarado: qual é o objetivo de uma pessoa ao praticá-lo? ❖ A língua como projeto de poder: que projeto é esse? ❖ A prática comum de ridicularização da pessoa que escreve/fala nas variedades populares. 	<p>Parte 1 Reflexão acerca do vídeo do historiador Ian Neves, que apresenta uma crítica ao preconceito linguístico da <i>influencer</i> Cíntia Chagas, enfatizando o papel da elite diante de tal prática. Observar se os/as estudantes já haviam ouvido falar em regras de etiqueta e se conhecem ou já ouviram falar de Cíntia Chagas ou de outra pessoa famosa por manter esse mesmo tipo de perfil normativo em relação à língua portuguesa; observar também a reação predominante dos/as alunos/as em relação a esse tipo de preconceito abordado no vídeo.</p> <p>Parte 2 Reflexão acerca de dois <i>posts</i> que usam formas de uso da língua como objeto de crítica. Observar se os/as estudantes já conhecem esse tipo de prática, na qual geralmente a pessoa que escreve com desvios da norma-padrão é ridicularizada; observar também com qual dos dois lados eles/elas mais se identificam: o que critica ou o que é criticado. Em seguida, a turma deve</p>

	<p>identificar informações em uma notícia sobre um bebê que caiu dentro de um rio, para logo depois fazerem uma reflexão acerca de comentários selecionados a respeito da notícia. Observar se os/as estudantes conseguem perceber a associação da escrita/fala à capacidade de expressão da pessoa, como se ela só tivesse direito a dar sua opinião se tiver domínio do português considerado correto, reforçando a prática de relacionar erros ortográficos ao conteúdo da opinião; se identificam o conteúdo informativo do comentário de “En”; se conseguem fazer a comparação entre as duas respostas diferentes dadas ao mesmo comentário: uma que contém uma ofensa e outra que contém uma explicação.</p> <p>Parte 3 Reflexão acerca do tema neutralização de sotaque, a partir do fato ocorrido com a influencer Juliette, a quem foi pedido para ter seu sotaque neutralizado em um teste de dublagem. Observar se os/as estudantes podem chegar à reflexão de que um grupo da sociedade determina qual língua será aceita como a ideal, fazendo essa associação a partir da reflexão feita por meio do vídeo assistido na parte 1.</p> <p>Encontro final do módulo Ao final da parte 3, solicitar, para o próximo encontro, que cada estudante responda com um comentário crítico, tomando por base as atividades realizadas, a pergunta inicial: Língua e Sociedade: quem dita as regras? Durante o encontro, fazer uma discussão em um círculo, no qual os/as alunos/as serão convidados/as a lerem seus comentários.</p>
<p>Módulo 3- Existe uma única língua portuguesa disponível?</p>	<p>Parte 1 Reflexão acerca do vídeo Diversidade Linguística. Observar se os/as</p>

<p>Duração: 3 horas</p> <p>Perspectiva inicial:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Diversidade linguística e suas características. ❖ A adequação necessária à situação comunicativa. ❖ Existem justificativas para o preconceito linguístico? ❖ Os usos dos pronomes tu/você nas diversas modalidades do português brasileiro. 	<p>estudantes assimilam o conceito de variação linguística, como algo real e justificável e que, de forma alguma, não se deve agir de forma preconceituosa contra quem não usa a modalidade esperada da língua em determinada situação.</p> <p>Parte 2</p> <p>Reflexão sobre dois posts: um com frase empregando o pronome 'tu' e outro com frase empregando o pronome 'você'.</p> <p>Observar se os/as estudantes identificam o post 2 como aquele que possui uma modalidade da língua pouco usual, pois toma como base o pronome 'tu', com a forma verbal de 2ª pessoa do singular correspondente, em desuso na maior parte do Brasil; que o pronome 'você' tem sido tomado como base em situações formais, sendo que o uso do pronome 'tu' com a forma verbal de 2ª pessoa do singular talvez possa aparecer em situações muito formais, como textos científicos; que palavras como <i>teres, tuas, deixará e sê</i>, no modo indicativo em 2ª pessoa do singular, não são usuais em contextos como o que aparece no post.</p> <p>Encontro final do módulo</p> <p>Ao final da parte 2, solicitar, para o próximo encontro, que cada estudante responda com um comentário crítico, tomando por base as atividades realizadas, a pergunta inicial: Existe uma única língua portuguesa disponível?</p> <p>Durante o encontro, fazer uma discussão em um círculo, no qual os/as alunos/as serão convidados/as a lerem seus comentários.</p>
<p>Módulo 4- Por que certos usos da língua incomodam?</p> <p>Duração: 2 horas</p>	<p>Parte 1</p> <p>Reflexão acerca de dois <i>posts</i> que abordam correções linguísticas alheias/aleatórias. No primeiro post, observar se os/as estudantes</p>

Perspectiva inicial:

- ❖ Correção linguística: qual é o objetivo?
- ❖ Tudo é relativo, até a língua?
- ❖ Se a pessoa se incomoda com certos usos da língua: qual é a explicação para isso?
- ❖ Quem possui zelo excessivo pela norma-padrão?
- ❖ Variação linguística: é possível ignorá-la?

identificam detalhes como: letra em caixa alta; a pontuação empregada; a referência à Machado de Assis; a raiva da autora do post; números de curtidas, comentários e compartilhamentos; será observado também se serão capazes de criar hipóteses: qual pode ter sido a motivação do post.

No segundo post, observar se os/as estudantes percebem a comicidade da situação, que acaba comprovando que pessoas são passíveis de errar; a diferença entre Shopee, um app, e shopping, um centro de compras; o tipo do grupo que originou o post; o contexto e o teor da pergunta feita no post; como é possível identificar que a primeira parte do post se trata de uma pergunta, já que não possui um ponto de interrogação.

Parte 2

Reflexão acerca de dois posts que abordam questões de uso da língua. Para o post 1, propor que os/as estudantes reflitam sobre qual é a modalidade ideal de língua para *Sil* e *Fe*; sobre esses comentários elitistas que caracterizam qualquer modalidade linguística diferente da padrão como algo desprezível; que talvez o comentário de *An*, devido ao uso da palavra 'construção', aponte para uma característica comum da língua: se transformar.

Para o post 2, propor que os/as estudantes reflitam sobre a incoerência da página Língua Portuguesa, que oscila entre prezar pela modalidade arcaica da língua e reconhecer a diversidade dela; que, na verdade, "eu não vi ele" não está errado para a gramática, mas sim para a norma-padrão, a qual não descreve como se diz, mas dita como se deve dizer; que a explicação de *Te* ao comentário realizado por *Ma* parece levar em conta o caráter dinâmico da língua.

	<p>Encontro final do módulo Ao final da parte 2, solicitar, para o próximo encontro, que cada estudante responda com um comentário crítico, tomando por base as atividades realizadas, a pergunta inicial: Por que certos usos da língua incomodam? Durante o encontro, fazer uma discussão em um círculo, no qual os/as alunos/as serão convidados/as a lerem seus comentários.</p>
<p>Módulo 5- Sistematização ³</p> <p>Duração: 12 horas</p> <p>Perspectiva inicial:</p> <p>❖ Reflexão linguística, social e educacional: preconceitos, imposições e consciência: como agir a partir desse panorama.</p>	<p>Gravação com a turma de um vídeo informativo (POV) que apresente reflexões acerca da temática abordada. Propor a elaboração de um roteiro coletivo, no qual todos/as os/as alunos/as devem participar, do levantamento desde os personagens participantes, passando pelo aplicativo para a gravação do vídeo, até a sua forma de divulgação.</p> <p>Parte 1 Elaboração do roteiro: a turma deve escolher o local de gravação, o aplicativo de edição, os personagens, bem como farão a escrita do passo a passo para a gravação do vídeo. Os comentários realizados pela turma ao longo dos módulos devem ser a base do conteúdo para a produção do vídeo. Para a produção do roteiro, esclarecer à turma que eles/elas defenderão um ponto de vista no vídeo, portanto deverão construir algo convincente, semelhante aos POVs que já estão acostumados/as a ver nas redes sociais. Para auxiliar na elaboração do roteiro, a turma deve assistir a um vídeo que apresenta um passo a passo para se fazer um bom roteiro.</p> <p>Parte 2 Gravação do vídeo: execução do roteiro, que será gravado em partes,</p>

³ O módulo 5 foi reformulado no decorrer da aplicação do projeto, a fim de concluir sua totalidade em um curto espaço de tempo.

	<p>para que no final seja feita a edição das partes em um vídeo único.</p> <p>Parte 3 Divulgação do vídeo nos canais de comunicação da escola.</p> <p>Parte 4 Propor rodas de conversa na escola para ampliar a discussão e a reflexão sobre o tema do projeto, a partir das reflexões produzidas pela turma. A pretensão é que todas as turmas possam interagir com a turma participante do projeto, que deve compartilhar ideias acerca da relação das pessoas com a língua materna.</p>
--	--

3.3 Análise dos dados

A coleta de dados foi realizada mediante observações durante a aplicação das atividades, através dos registros escritos e de gravações das interações realizadas oralmente. As filmagens, fotografias e áudios produzidos durante o projeto foram utilizados somente para acesso pessoal segundo os propósitos de pesquisa, a fim de tornar mais fácil resgatar o passo a passo e detalhes decorrentes das reflexões realizadas.

No capítulo a seguir, veremos as atividades propostas e aplicadas, bem como a análise do processo de aplicação da proposta didática.

*[...] Na contra mão das linguagem
Eu tô me lixando se os boy num entendeu
"Criptogragíria", não codificou?
Esse é o mistério da quebra
Moscou, o cabelo avuou
Cês me limita em letramento
Onde a escola é treinamento
De quem aguenta por mais tempo
O não pertencimento
Quando falar não foi uma opção
Escrever foi salvação
A palavra é proteção da nossa história
E reconhecimento, antes não tinha autoestima
Hoje folgada, vivona e vivo
Bem colocada, armada de informação
Cada pedaço meu é letra de funk e inspiração
Palavra é palavra, memo no sentido amplo
Não só conto, rima, verso ou prosa [...]*

(Slam das Minas e Drik Barbosa -
Trincheira#ElasSim)

4. PROPOSTA DIDÁTICA E ANÁLISE DE DADOS

Módulo 1- A língua tem controle remoto?

Parte 1 - Tempo previsto: 2 horas

📺 Vamos assistir ao vídeo abaixo. Observe, além do conteúdo apresentado, a caracterização dos personagens.



👉 Publicado em 4 mar.2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CasIH4BFwN3/>>. Acesso em 23 jun.2022.

· O nome da pessoa que aparece no vídeo é Franklin Medrado. Ele costuma produzir vídeos de humor, sendo que seu lema na bio da Instagram no dia do acesso a esse vídeo era “Rir é um estilo de vida”.

franklinmedrado	Enviar mensagem	Seguir
2,142 publicações	723K seguidores	689 seguindo
Franklin Medrado		
Artista		
Rir é um estilo de vida ❤️		
📺 Youtube: 1M		
🎵 TikTok: 2M		
Comercial: 📧 franklin.medrado@play9.com.br		
www.twitch.tv/franklinmedrado		

📌 Questão 1

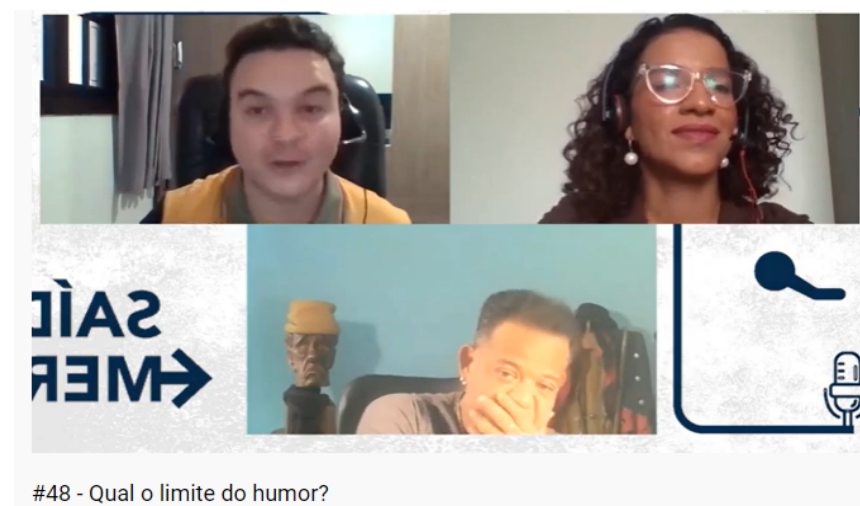
a) Descreva o que acontece no vídeo.

b) O que você acha da caracterização e das falas dos personagens? Com qual dos dois você mais se identifica?

c) Você se interessa por esse tipo de humor apresentado no vídeo? Explique.

📺 Agora, vamos assistir ao segundo vídeo, minutos 1:03:29 até 1:07:25, trecho de uma conversa com Márcio Libar, descrito pelo site como um “ator, diretor e considerado um dos mais importantes palhaços na atualidade. Autor do livro A Nobre Arte do Palhaço, conquistou no ano de 2006 o “Prêmio Especial do Cirque du Soleil” em Mônaco e o “Nariz de Prata” no Festival de Circo de Monte Carlo no mesmo ano. Com 35 anos de carreira, Márcio vem nos últimos 25 aperfeiçoando uma metodologia própria baseada nos valores e princípios da arte do palhaço, bem como a aceitação das imperfeições e do erro e da vulnerabilidade como potência”.

👍 Publicado em 14 abr.2022. Disponível em:
<<https://www.copastur.com.br/blog/48-qual-o-limite-do-humor/>>. Acesso em 23 jun.2022.



👍 Publicado no YouTube em abr.2022. Disponível em: <<https://youtu.be/oldswOb6zNo?t=3809>>. Acesso em 23 jun.2022.

📌 Questão 2

a) Qual é a discussão realizada nesse trecho do vídeo?

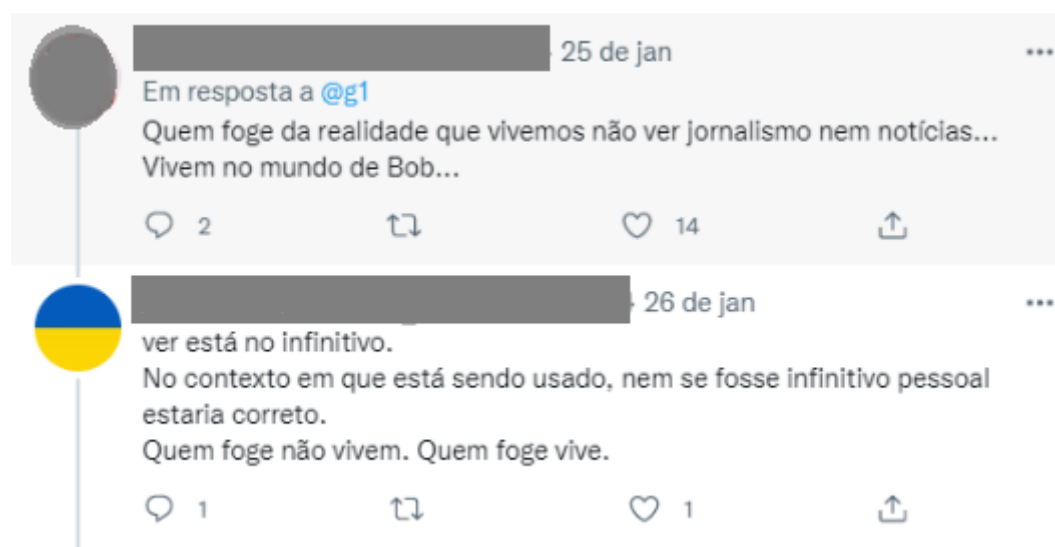
b) Você considera que deve haver limites no humor? Explique.

c) Vamos assistir novamente ao primeiro vídeo. Em seguida, relacione o segundo vídeo ao primeiro: explique de que forma no primeiro vídeo o limite do humor pode ter sido ultrapassado.

Parte 2- Atividade em grupo - Tempo previsto: 2 horas

🧠 Vamos pensar juntos/as? Elejam um/uma colega para ler os enunciados e outro/a para fazer o registro escrito das questões discutidas. Ao final da parte feita em grupo, toda a turma se reunirá novamente e um/uma representante de cada grupo deverá compartilhar as discussões realizadas.

👁️ Observem e leiam os comentários abaixo. (os nomes e as fotografias foram suprimidos)



👉 Publicado em jan.2022. Disponível em:

<<https://twitter.com/Crismont56/status/1486083783870889987?s=20&t=fr4M5hl9doKSB1LCe0ZANw>>. Acesso em 20 jun.2022.

🗨️ Questão 1

Na imagem observada, temos a reprodução de dois comentários que foram feitos no twitter, uma rede social muito utilizada entre as pessoas, independentemente da classe social, do nível de instrução ou das convicções pessoais. A partir destas informações, discutam e respondam.

- Qual dos dois comentários parece expressar uma opinião? De que forma isso aparece?
- Qual é o problema do comentário feito no dia 26 de janeiro como resposta àquele feito no dia 25 de janeiro?

c) Existem livros e ambientes próprios na Internet para discussões e informações sobre regras do português padrão. Vocês acreditam que o ambiente virtual em que os comentários foram publicados acima seja desse tipo? Expliquem.

👁️ Agora, observem e leiam o tweet no qual foram encontrados os comentários acima. Depois, leiam o quadro informativo.



👉 Publicado por g1 em jan.2022. Disponível em:
<<https://twitter.com/g1/status/1485983295682891781?s=20&t=Zh-2BJWJ1YQ943y3L-AUZQ>>. Acesso em 20 jun.2022. (Foto suprimida)

📺 *Bobby's World* mostra a vida cotidiana de Bobby Generic, um garoto de quatro anos que tem uma imaginação fértil, e suas percepções infantis e fantasiosas acerca do mundo.

👉 Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bobby%27s_World#:~:text=Bobby's%20World%20>. Acesso em 20 jun.2022.

👉 Questão 2

Considerando as informações do quadro acima e o conteúdo do tweet, discutam e registrem.

a) O que a pessoa que fez o comentário no dia 25 de janeiro provavelmente quis dizer com “Vivem no mundo de Bob?”

b) Criem hipóteses: por que alguém decidiu corrigir o primeiro comentário?

c) Suponham que a pessoa que fez o primeiro comentário tenha visualizado o segundo comentário. Como ela pode ter se sentido? Quais atitudes ela poderia ter tomado?

Análises de resultados

Módulo 1, Parte 1 - Atividade individual

Objetivos para a Parte 1

Reflexão acerca do vídeo de Franklin Medrado, seguido nas redes sociais pelo caráter cômico e vivencial de suas produções. No vídeo, o humorista/influencer faz uma encenação na qual dois personagens, interpretados pelo próprio artista, engatam uma discussão, em formato de musical, acerca das palavras cumprimento/comprimento. O vídeo foi escolhido por apresentar, além da temática, uma caracterização dos personagens que parece associar o uso da norma-padrão a uma vestimenta com aparência mais formal, enquanto aquele que não se expressa de forma condizente à norma-padrão se veste de forma mais despojada. Foi observado se os/as estudantes sentiriam algum incômodo em relação ao vídeo em dois momentos: antes e depois de assistirem a um segundo vídeo: “Qual o limite do humor?”, no qual o palhaço Márcio Libar expõe seu ponto de vista: o fato de o humor funcionar não significa que, em certos casos, ele não seja uma afronta a outrem.

Descrição dos resultados

As atividades foram aplicadas com um grupo de 16 alunos/as do 6º e 7º anos.

Para a Questão 1a: “Descreva o que acontece no vídeo”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 1- Módulo 1, Parte 1, Questão 1a

Itens	Respostas
Descrição sem opinião explícita	7 respostas
Resposta inconsistente	4 respostas
Dedução de acordo com as vestimentas	5 respostas

dos personagens	
Referência ao termo “falar errado”	2 respostas

Duas respostas se encaixam dentro de dois itens distintos.

As respostas à Questão 1a variaram entre “o engenheiro corrige o pedreiro” e “um homem corrige o português do outro”. Dessa forma, é possível observar que grande parte do grupo de estudantes soube descrever o vídeo, porém sem fazer nenhuma reflexão crítica acerca de seu conteúdo. Não houve nenhum questionamento do tipo: “por que justamente o pedreiro confunde as palavras cumprimento/comprimento?”, o que mostra que a participação do grupo no projeto iniciou-se de maneira tímida e guiada pelo senso comum.

Para a Questão 1b: “O que você acha da caracterização e das falas dos personagens? Com qual dos dois você mais se identifica?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 2- Módulo 1, Parte 1, Questão 1b

Referência aos termos “engraçado”, “criativo”, “boa”, “legal”.	10 respostas
Primeira parte da resposta está inconsistente	6 respostas
Se identifica com o personagem que troca cumprimento por cumprimento	12 respostas
Se identifica com o personagem que questiona a troca cumprimento por cumprimento	3 respostas
Não se identifica com nenhum dos personagens	1 resposta

Para as respostas da Questão 1b, destaco o fato de que grande parte do grupo (12 estudantes) se identificou com o personagem do vídeo que alguns deles/algumas delas caracterizaram como “o pedreiro”. Não era cedo para constatar a comum falta de segurança entre estudantes em relação ao uso da língua portuguesa formal, já que esse é justamente o personagem que troca as palavras cumprimento/comprimento.

Para a Questão 2a: “Qual é a discussão realizada nesse trecho do vídeo?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 3- Módulo 1, Parte 1, Questão 2a

Diferenças entre humor de circo e stand-up.	3 respostas
Os limites do humor	5 respostas
O deboche nas piadas	4 respostas
Sobre a nobreza do palhaço e o humor	1 resposta
Resposta inconsistente	3 respostas

A maioria dos/das estudantes citou os principais assuntos abordados no vídeo, apesar de que apenas 5 identificaram o tema central da discussão: os limites do humor.

Para a Questão 2b: “Você considera que deve haver limites no humor? Explique.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 4- Módulo 1, Parte 1, Questão 2b

Sim, deve haver limites no humor	13 respostas
Não deve haver limites no humor	1 resposta
Resposta inconsistente	2 respostas

A maior parte do grupo, para a Questão 2b, considerou que deve haver limites no humor, mas relacionando esse limite a palavrões e ofensas explícitas, o que ficou ainda mais evidente nas respostas à Questão 2c.

Para a Questão 2c: “Vamos assistir novamente ao primeiro vídeo. Em seguida, relacione o segundo vídeo ao primeiro: explique de que forma no primeiro vídeo o limite do humor pode ter sido ultrapassado.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 5- Módulo 1, Parte 1, Questão 2c

Referência à ideia de que “não foi identificado algum problema no primeiro vídeo”	5 respostas
Referência à ideia de que “o limite do humor foi ultrapassado no primeiro vídeo, devido ao deboche”	3 respostas
Referência à ideia de que “o limite do humor foi ultrapassado no primeiro vídeo, devido a um termo de baixo calão indicado no final”	2 respostas
Resposta inconsistente	6 respostas

Apenas 3 estudantes do grupo identificaram como deboche a forma de abordagem do vídeo de Medrado em relação a “falar errado”. No final do vídeo, o personagem que comenta o uso de medir o comprimento faz o trocadilho “com co / com cu”, referindo-se a comprimento/cumprimento, o que levou 2 estudantes a afirmarem que havia um termo de baixo calão no vídeo. Porém, a maioria dos estudantes parece ter percebido o vídeo de forma positiva, já que na Questão 1b os termos “engraçado” e “criativo” apareceram repetidamente.

Módulo 1, Parte 2 - Atividade em grupos

Objetivos para a Parte 2

Reflexão acerca de comentários em um post que traz a notícia de uma médica que foi encontrada morta no banheiro de um hospital. Foi observado se os/as estudantes identificariam as opiniões impetradas nos comentários, e como avaliariam a postura dos envolvidos/as em relação à prática comunicativa através da língua. Nessa parte, foi enfatizada a importância da construção de reflexões em grupo, já que, para elaborar seus apontamentos, a turma dividiu-se em grupos.

Descrição dos resultados

As atividades foram aplicadas com um grupo de 12 alunos/as de 6º e 7º anos, dividido entre 3 grupos de 4 componentes cada um.

Para a Questão 1a: “Qual dos dois comentários parece expressar uma opinião? De que forma isso aparece?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 6- Módulo 1, Parte 2, Questão 1a

O primeiro comentário expressa uma opinião	3 respostas
--	-------------

Apesar do fato de que os três grupos identificaram corretamente o primeiro comentário como aquele que expressa uma opinião, nenhum dos grupos conseguiu elaborar uma resposta consistente para a segunda parte da questão, que seria a identificação da opinião sobre quem não acompanha o que acontece na sociedade através dos jornais.

Para a Questão 1b: “Qual é o problema do comentário feito no dia 26 de janeiro como resposta àquele feito no dia 25 de janeiro?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 7- Módulo 1, Parte 2, Questão 1b

Ele corrige o [português do] outro comentário.	1 resposta
A resposta foi: “ver está no infinitivo”.	1 resposta
Está confusa e sem sentido.	1 resposta

Os três grupos, de certa forma, identificaram como problema no segundo comentário o desvio do assunto em relação ao primeiro comentário, sendo que dois grupos citaram a correção linguística realizada pela pessoa que fez o segundo comentário.

Para a Questão 1c: “Existem livros e ambientes próprios na Internet para discussões e informações sobre regras do português padrão. Vocês acreditam que o ambiente virtual em que os comentários foram publicados acima seja desse tipo? Expliquem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 8- Módulo 1, Parte 2, Questão 1c

Não, porque é uma crítica sobre outro assunto.	1 resposta
Resposta inconsistente	2 respostas

As questões reflexivas apresentadas com alguma informação anterior à pergunta costumam ser aquelas que mais trazem dificuldades aos/às estudantes, pois a prática de ir direto para a parte da pergunta, ignorando assim o dado, é comum e acaba prejudicando o objetivo da questão. Porém, quando a discussão da atividade foi realizada oralmente, o destaque da informação contribuiu para o esclarecimento do objetivo da Questão 1c, que é a reflexão sobre o fato de existirem ambientes próprios para o estudo de regras da variedade padrão da língua portuguesa.

Para a Questão 2a: “O que a pessoa que fez o comentário no dia 25 de janeiro provavelmente quis dizer com “Vivem no mundo de Bob?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 9- Módulo 1, Parte 2, Questão 2a

A pessoa quis dizer que os outros estão no mundo da lua, viajando na maionese.	1 resposta.
Que vivem no mundo errado.	1 resposta
Ele provavelmente quis dizer sobre um mundo completamente diferente.	1 resposta

Apenas um grupo identificou o significado usual de “Viver no mundo de Bob”, o que é justificável por ser um termo referente a um desenho animado assistido pelas gerações mais recentes. De qualquer forma, a questão foi uma oportunidade de aprendizagem, já que na discussão oral realizada conjuntamente foi esclarecido o uso da expressão.

Para a Questão 2b: “Criem hipóteses: por que alguém decidiu corrigir o primeiro comentário?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 10- Módulo 1, Parte 2, Questão 2b

Hipótese de que “a pessoa deve ter se sentido incomodada com o erro de português”	2 respostas
Resposta inconsistente	1 resposta

Sentir-se incomodado com erros de português estaria no plano superficial da resposta, pois o que leva a esse incômodo é o que realmente interessa em uma atividade cujo objetivo é uma reflexão acerca dos fatores que originam as atitudes de cada indivíduo. Em análise, não houve até então, de acordo com as respostas à questão 2b, uma imersão na proposta do projeto de ensino, talvez por falta de maturidade e conhecimento dos/das participantes da pesquisa.

Para a Questão 2c: “Suponham que a pessoa que fez o primeiro comentário tenha visualizado o segundo comentário. Como ela pode ter se sentido? Quais atitudes ela poderia ter tomado?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 11- Módulo 1, Parte 2, Questão 2c

Suposição de que “a pessoa pode ter se sentido triste ou ofendida, tomando atitudes como apagar o comentário ou bloquear a pessoa que fez o outro comentário”.	2 respostas
Suposição de que “a pessoa pode ter se sentido errada, querendo assim melhorar.”	1 resposta

Quanto às possíveis reações em relação ao segundo comentário, dois grupos sinalizaram o quanto esse tipo de correção pública pode atingir negativamente alguém, enquanto um dos grupos parece indicar que a reação de querer “aprender com o erro” seria mais provável do que simplesmente ignorar ou ficar chateado. Mas a necessidade de aprovação é algo que parece nortear as relações comunicativas para esses/essas estudantes, visto que se ofender ou querer melhorar são atitudes que as pessoas têm em relação ao outro, não em relação àquilo que ela é ou acredita.

Módulo 1, Comentário crítico - atividade escrita individual

Objetivo para o comentário crítico

Reflexão acerca da pergunta inicial do módulo 1: “A língua tem controle remoto?”, associando-a às atividades realizadas nas partes 1 e 2 do módulo. Foi importante deixar claro, durante o processo, que a proposta das atividades era que

os/as estudantes observassem que a prática de correção linguística é comum e incomoda os ambientes comunicativos.

Descrição dos resultados

As atividades foram aplicadas com um grupo de 12 alunos/as do 6º e 7º anos.

Para o comentário crítico: “Responda, tomando por base as atividades realizadas, à pergunta inicial: A língua tem controle remoto?” foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 12- Módulo 1, Comentário crítico

Referência à ideia de que “a língua tem controle remoto sim, pois as pessoas insistem em controlá-la.”	2 respostas
Referência à ideia de que “a língua não tem controle remoto, pois cabe a cada um controlar sua forma de usá-la.”	5 respostas
Referência à ideia de que “a língua não tem controle remoto, pois é comum que as pessoas errem ao usá-la.”	1 resposta
Referência à ideia de que “há ambientes apropriados para o controle da língua”.	3 respostas
Referência à ideia de que “a língua não tem controle remoto, desde que o conteúdo dito não seja ofensivo”.	1 resposta

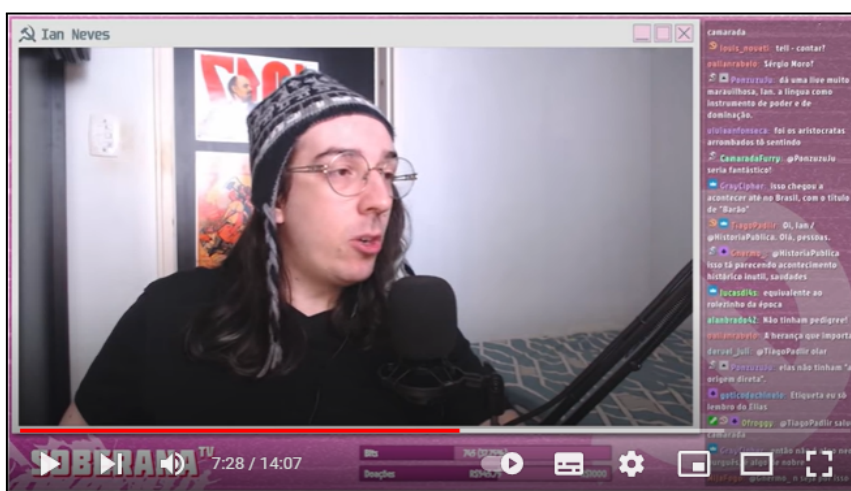
Ao final do Módulo 1, as respostas listadas demonstram uma tendência a uma visão democrática da língua (9 respostas), segundo a qual seu controle ou tem um aspecto mais individualizado (item 2) ou é relativo (itens 4 e 5). Além disso, a referência ao fato de que existe a tentativa das pessoas de controlar a língua trouxe boas perspectivas para o andamento do projeto de ensino.

Módulo 2- Língua e Sociedade: quem dita as regras?

□ Esse módulo será feito oralmente, através de discussões a serem realizadas a partir das questões apresentadas. À medida que as perguntas forem lidas, vocês terão a oportunidade de participar com suas respostas e comentários, respeitando um limite de falas e de tempo, a serem combinados.

Parte 1 - Tempo previsto: 1 hora

📺 Vamos assistir ao vídeo de Ian Neves, criador do canal História Pública, minutos 5:32 até 9:38. Em seguida, vamos conversar sobre ele.



👉 Publicado em 2022 no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fx1WLaeZsg4&t=332s>. Acesso em 23 jun.2022.



👉 Bio do perfil de Ian Neves no Instagram. Disponível em https://www.instagram.com/historiapublica_/. Acesso em 02 jul. 2022.

🗨️ Questão 1

a) Observe a descrição de Ian Neves em sua bio. O que é ser um historiador? Vocês já ouviram falar desse tipo de historiador?

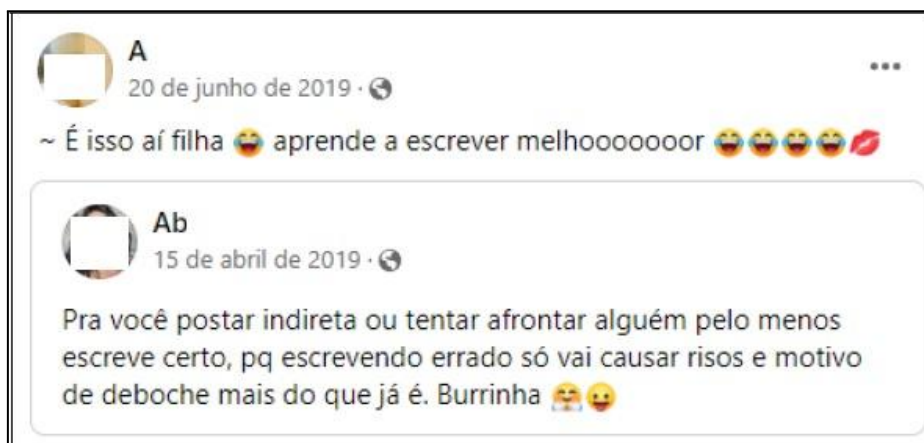
b) Qual é a principal crítica trazida por Ian Neves no trecho assistido do vídeo?

c) Vocês acham importante seguir regras de etiqueta? Por quê?

d) De acordo com a descrição feita por Ian, deduzam: qual é a área de trabalho de Cíntia Chagas? Vocês concordam com as críticas feitas a ela no vídeo? Expliquem.

Parte 2 - Tempo previsto: 2 horas

👁️ Observem e leiam os *posts* a seguir. (os nomes e fotografias foram suprimidos)



👉 Publicado em 20 jun.2019. Disponível em:

https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=pfbid09MCwGrg8EFt973v8QEvYt4fJwBbUqH HkXgzug6mxt4ETGGmzP8nP1kfy6rd5hXLI&id=100004863945509. Acesso em 23 jun.2022.



👉 Publicado em 22 jun.2018. Disponível em:

<https://www.facebook.com/henriquelimabernardo/posts/pfbid0kDVVV4BUMEQPkUHycswRae MPeNorcLE44suNQLHwHj7ZszF9ERjHicjeDYdfacrI>. Acesso em 23 jun.2022.

☞ Questão 1

a) Observem as características dos *posts*. Vocês reconhecem a rede social na qual eles foram publicados? Se sim, qual seria? Como chegaram a essa conclusão?

b) Vocês já viveram ou viram alguma situação parecida com essas apresentadas nos *posts*? Comentem.

c) O que está sendo criticado nos dois *posts*? Vocês concordam com essas pessoas que fizeram as publicações? Expliquem.

d) Observem o número e os tipos de curtidas do segundo post. Considerando que seu autor não é uma pessoa famosa, suponham: as pessoas gostaram do post? Expliquem.

👁️ Agora, observem e leiam o post abaixo e um trecho da notícia que originou o post.



👉 Publicado por g1 em 22 dez.2021. Disponível em:
<https://twitter.com/g1/status/1473758847005245445?t=Db7VnJ-I36eREZK1GX9Ybw&s=19>.
 Acesso em 23 jun.2022.

“Ele foi para a beira do rio, entregou a bebê e falou ‘agora vocês precisam me tirar daqui, que tá começando a me dar cãimbra’”, contou uma testemunha, que não quis se identificar.

👉 Publicado por g1 em 22 dez.2021. Disponível em:
https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2021/12/22/bebe-de-7-meses-cai-dentro-de-rio-e-e-salva-por-idoso-em-mutum.ghtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=g1. Acesso em 02 jul.2022.

☞ Questão 2

a) Segundo o post, que traz o resumo de uma notícia, quem precisou de ajuda primeiro? E depois?

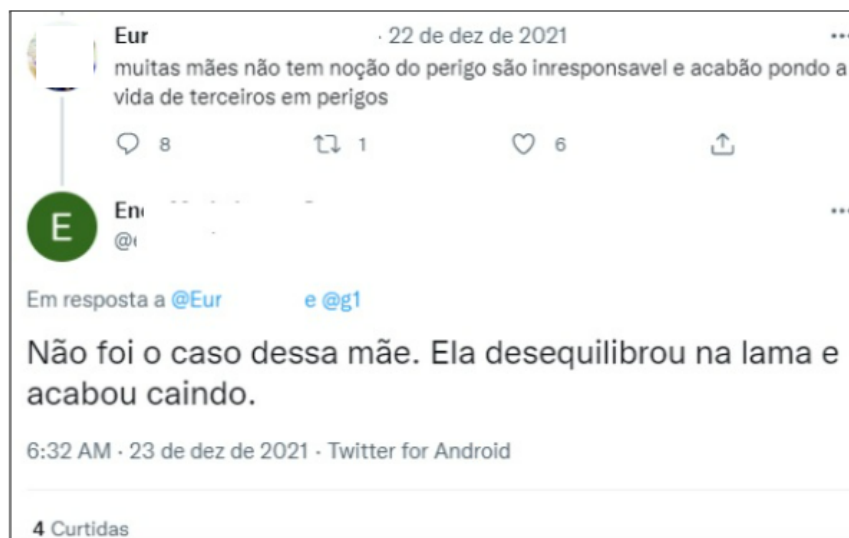
b) Segundo o trecho extraído da notícia, por que o idoso precisou de ajuda?

c) Segundo o post, o que ocasionou a queda do bebê no rio?

👁️ Agora, observem e leiam duas respostas diferentes para o mesmo comentário relacionado ao post acima.



👉 Extraído da página g1 do Facebook. Publicado em 22 dez.2021. Disponível em: <https://twitter.com/GisaCos12200789/status/1473911674478473216?t=ihKRyRNgq0quoeHm6zPHbw&s=19>. Acesso em 23 jun.2022.



👉 Extraído da página g1 do Facebook. Publicado em 22 dez.2021. Disponível em: <https://twitter.com/enesmutum/status/1473949570619039744?s=20&t=l8HWfpaQ9nYzT5AB8Pv0jq>. Acesso em 23 jun.2022.

🔍 **Questão 3**

- a) O comentário da pessoa identificada acima apenas como “Eur”, devido à supressão do seu nome, possui alguma palavra que te causem estranhamento? Se sim, qual ou quais?
- b) Com base na resposta acima: “Eur” tinha ou não o direito de dar sua opinião? Expliquem.
- c) Identifiquem a opinião apresentada no comentário de “Eur”.
- d) Comparem as duas respostas diferentes dadas ao comentário de “Eur”. Qual das duas respostas vocês consideram mais apropriada: a de “Gi” ou a de “En”? Expliquem.

Parte 3 - Tempo previsto: 1 hora

👁️ Observem e leiam a manchete abaixo.



encontre no ohoje.com

O HOJE.COM

ÚLTIMAS POLÍTICA CIDADES ECONOMIA ESPORTE MULHERES SER DO BEM TRABALHO CULTURA

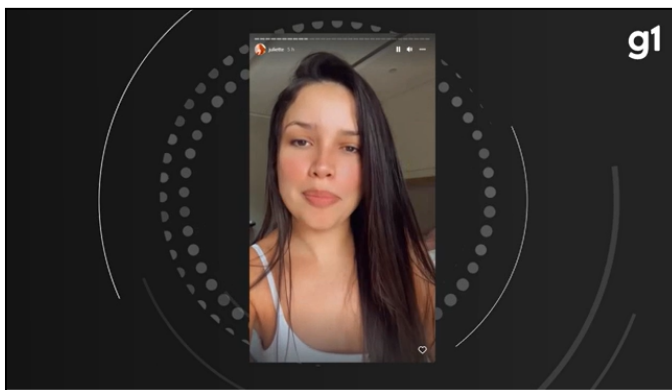
CULTURA

Xenofobia: Juliette diz que pediram para ‘neutralizar’ seu sotaque em teste de dublagem; veja

Postado em: 12-06-2022 às 11h54
Por: Rodrigo Melo

👉 Jornal O Hoje.com. Publicado em 12 jun. 2022. Disponível em: <https://ohoje.com/noticia/cultura/n/1412465/t/xenofobia-juliette-diz-que-pediram-para-neutralizar-seu-sotaque-em-teste-de-dublagem-veja/>. Acesso em 02 jul.2022.

📺 Agora, vamos assistir a um vídeo que reproduz um conjunto de *stories* postados pela celebridade Juliette.



👉 Publicado por g1 em jun.2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/video/juliette-fala-sobre-neutralizacao-de-sotaque-nordestino-10660804.ghtml>. Acesso em 23 jun.2022.

⇒ **Questão 1**

- a) Em qual site a manchete foi publicada?
- b) Vocês sabem o que é xenofobia? Expliquem.
- c) O que é um teste de dublagem?

⇒ **Questão 2**

- a) O que vocês entendem como neutralização de sotaque? Qual é a opinião de Juliette sobre isso?
- b) Vocês concordam com ela? Expliquem.
- c) Para vocês, quem determina qual o sotaque e a linguagem a serem utilizados nas mídias áudio-televisivas? Como isso ocorre?

Análises de resultados

Módulo 2, Parte 1 - Atividade oral

Objetivos para a Parte 1

Reflexão acerca do vídeo do historiador Ian Neves, que apresenta uma crítica ao preconceito linguístico da *influencer* Cíntia Chagas, enfatizando o papel da elite diante de tal prática. Foi observado se os/as estudantes já haviam ouvido falar em regras de etiqueta e se conheciam ou já haviam ouvido falar de Cíntia Chagas ou de outra pessoa famosa por manter esse mesmo tipo de perfil normativo em relação à

língua portuguesa; foi observada também a reação predominante dos/as alunos/as em relação a esse tipo de preconceito abordado no vídeo.

Descrição dos resultados

As atividades foram aplicadas com um grupo de 9 alunos/as do 6º e 7º anos, de forma oral. Para a coleta dos dados, foram gravados áudios durante a realização da atividade.

Para a Questão 1a: “Observe a descrição de Ian Neves em sua bio. O que é ser um historiador? Vocês já ouviram falar desse tipo de historiador?” foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 13- Módulo 2, parte 1, Questão 1a

Estudante 1	<i>“Descobrir coisas sobre a história”.</i>
Estudante 2	<i>“Descobrir o que aconteceu no passado.”</i>
Estudante 3	<i>“Descobrir a história do mundo, das cidades.”</i>
Estudante 4	<i>“Saber muito sobre o passado da Terra.”</i>

Nenhum estudante já havia ouvido o termo sobre o tipo de historiador: marxista/leninista.

Para a Questão 1b: “Qual é a principal crítica trazida por Ian Neves no trecho assistido do vídeo?” foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 14- Módulo 2, Parte 1, Questão 1b

Estudante 1	<i>“Preconceito linguístico”.</i>
Estudante 2	<i>“Preconceito contra as pessoas que falam errado.”</i>
Estudante 3	<i>“[Ele critica a mulher que quer ensinar como se fala Whatsapp], como se tivesse só um jeito de falar.”</i>

A referência à maneira com a qual a professora Cíntia Chagas diz a pronúncia de WhatsApp (sotaque inglês americano) virou assunto recorrente na turma, devido à comicidade da abordagem feita a ele no vídeo de Ian Neves.

Para a Questão 1c: “Vocês acham importante seguir regras de etiqueta? Por quê?” foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 15- Módulo 2, Parte 1, Questão 1c

Estudantes em coro	“Não.”
Estudante 1	“Cada pessoa pode se vestir do jeito que quer, pode comer do jeito que quer, não precisa comer com um montão de garfo na mesa.”
Estudante 2	“A pessoa não é obrigada a seguir os padrões.”
Estudante 3	“Pra mim etiqueta não importa muito...tipo...se as pessoas mais...que têm um pouco mais (...) que têm mais dinheiro, essas coisas...se elas se incomodam...se elas estão incomodadas com isso, o problema é delas...a gente...(inaudível)...o importante é a gente (...).”

Como os/as estudantes demonstraram conhecer o que são regras de etiqueta, a Questão 1c foi facilmente respondida por eles/elas. Com essas respostas, parece claro que a ideia de seguir a regras de etiqueta é algo que não deve atrair as novas gerações, o que leva a pensar que, para esses/essas adolescentes, prender-se a regras obsoletas de uso da língua é algo também questionável.

Para a Questão 1d: “De acordo com a descrição feita por Ian, deduzam: qual é a área de trabalho de Cíntia Chagas? Vocês concordam com as críticas feitas a ela no vídeo? Expliquem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 16- Módulo 2, Parte 1, Questão 1d

Estudante 1	“A área de trabalho dela é criticar as pessoas.”
Estudante 2	“Jornalismo crítico.”
Estudante 3	“Possivelmente ela pode ser uma professora ou uma jornalista que estudou muito pra ser vista, sei lá.”
Estudante 4	“O trabalho dela é criticar o público que fala do jeito errado...ou criticar os padrões que as pessoas não seguem.”
Estudante 5	“Ela trabalha...(...) ela julga a língua portuguesa...então

	<i>tá errada, ela tá errada.”</i>
Estudantes em coro, quando perguntados: “Professora de quê?”	<i>“Professora de português.”</i>

Foi perceptível que, já no início do Módulo 2, os/as estudantes estavam mais à vontade para participar do projeto, além de demonstrarem ter entendido o seu objetivo. Durante as discussões, eles/elas transpareciam grande reprovação do trabalho de Cíntia Chagas, o que reforça a identificação que o grupo teve com o personagem que falava cumprimento em vez de comprimento, de Franklin Medrado.

Módulo 2, parte 2 - atividade oral

Objetivos para a parte 2

Reflexão acerca de dois posts que usam formas de uso da língua como objeto de crítica. Foi observado se os/as estudantes já conheciam esse tipo de prática, na qual geralmente a pessoa que não escreve na variedade padrão é ridicularizada; foi observado também com qual dos dois lados eles/elas mais se identificam: o que critica ou o que é criticado. Em seguida, a turma precisou identificar informações em uma notícia sobre um bebê que caiu dentro de um rio, para logo depois fazer uma reflexão acerca de comentários selecionados a respeito da notícia. Foi observado se os/as estudantes conseguiriam perceber a associação da escrita/fala à capacidade de expressão da pessoa, como se ela só tivesse direito a dar sua opinião se tiver domínio do português considerado correto, reforçando a prática de relacionar erros ortográficos ao conteúdo da opinião; se identificariam o conteúdo informativo do comentário de “En”; se conseguiriam fazer a comparação entre as duas respostas diferentes dadas ao mesmo comentário: uma que contém uma ofensa e outra que contém uma explicação.

Descrição dos resultados

As atividades foram aplicadas com um grupo de 9 alunos/as do 6º e 7º anos, de forma oral. Para a coleta dos dados, foram gravados áudios durante a realização da atividade.

Para a questão 1a: “Observem as características dos *posts*. Vocês reconhecem a rede social na qual eles foram publicados? Se sim, qual seria? Como

chegaram a essa conclusão?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 17- Módulo 2, Parte 2, Questão 1a

Estudante 1	“ <i>No twitter.</i> ”
Estudante 2	“ <i>No Facebook...esse emoji aqui.</i> ” (nas curtidas)
Estudante 3	(Facebook) “ <i>Tá a data, o negócio de curtir, comentar.</i> ”
Estudante 4	“ <i>Tá no link...facebook.</i> ”

Os/as estudantes que responderam, observa-se, identificaram em maior parte corretamente o Facebook como a rede social originária do post. São alunos/alunas que conseguem apontar facilmente as características dos gêneros e suportes textuais multimodais e virtuais.

Para a Questão 1b: “Vocês já viveram ou viram alguma situação parecida com essas apresentadas nos *posts*? Comentem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 18- Módulo 2, Parte 2, Questão 1b

Nenhum (a) estudante disse lembrar ter vivido/visto algo parecido.
--

Apesar do fato de que o grupo tenha demonstrado certo incômodo ao comentar as práticas de ridicularização de pessoas devido à variedade da língua utilizada, ninguém teve ou não se lembrou de uma prática concreta para compartilhar.

Para a Questão 1c: “O que está sendo criticado nos dois *posts*? Vocês concordam com essas pessoas que fizeram as publicações? Expliquem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 19- Módulo 2, Parte 2, Questão 1c

Estudante 1	“ <i>Português.</i> ”
Estudante 2	“ <i>A escrita, o português.</i> ”
Estudante 3	“ <i>Não concordo, isso é esnobar a pessoa em plena rede social.</i> ”

Estudante 4	<i>“(inaudível) a pessoa não sabe escrever direito.”</i>
Estudante 5	<i>“Eu não concordo muito porque cada um escreve do seu jeito e cada um tem sua beleza, então ninguém pode julgar ninguém.”</i>

O Estudante 5 referiu-se à interrogação do post 2: “do que adianta ser bonita sendo que você escreve tudo errado?”. Talvez se a Questão 1b estivesse invertida com a 1c, alguém se lembraria de algum episódio pessoal.

Para a Questão 1d: “Observem o número e os tipos de curtidas do segundo post. Considerando que seu autor não é uma pessoa famosa, suponham: as pessoas gostaram do post? Expliquem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 20- Módulo 2, Parte 2, Questão 1d

Estudante 1	<i>“As pessoas concordaram.”</i>
Estudante 2	<i>“...porque adora corrigir os outros dando uma de sabichão.” “...tão querendo botar as pessoas pra baixo.”</i>
Estudante 3	<i>“... inteligentão, aquele espertão, o que sabe tudo...”</i>
Estudante 4	<i>“...eles tão se achando a última bolacha do pacote...”</i>

Especificamente sobre o post 2, o número de curtidas (69), para uma pessoa no Facebook que não é famosa, supõe que um número alto de pessoas apoiou uma postagem preconceituosa. Os/as estudantes parecem ter percebido a gravidade de tal constatação e, da maneira deles, fizeram as suposições dos tipos de pessoas que poderiam apoiar a ridicularização de outras devido à forma de uso da língua.

Para a Questão 2a: “Segundo o post, que traz o resumo de uma notícia, quem precisou de ajuda primeiro? E depois?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 21- Módulo 2, Parte 2, Questão 2a

Estudante em coro	<i>“O bebê [precisou de ajuda primeiro].”</i>
Estudante 1	<i>“O velhinho [precisou de ajuda depois].”</i>
Estudante 2	<i>“O idoso [precisou de ajuda depois].”</i>

A turma demonstrou prontamente a habilidade que consiste na localização de informações explícitas em textos, adquirida no decorrer dos anos de estudo da Língua Portuguesa.

Para a Questão 2b: “Segundo o trecho extraído da notícia, por que o idoso precisou de ajuda?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 22- Módulo 2, Parte 2, Questão 2b

Estudante 1	<i>“Porque ele tava sentindo cãibra.”</i>
Estudante 2	<i>“Ele estava precisando de ajuda porque tava dando cãibra nele depois de ele resgatar o bebê.”</i>

Idem ao Quadro 21: localização de informações explícitas em textos.

Para a Questão 2c: “Segundo o post, o que ocasionou a queda do bebê no rio?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 23- Módulo 2, Parte 2, Questão 2c

Estudantes em coro	<i>“A mãe se desequilibrou.”</i>
Estudante 1	<i>“...e caiu ”.</i>
Estudante 2	<i>“...de cima de uma ponte.”</i>

Idem ao Quadro 21: localização de informações explícitas em textos.

Para a Questão 3a: “O comentário da pessoa identificada acima apenas como “Eur”, devido à supressão do seu nome, possui alguma palavra que te cause estranhamento? Se sim, qual ou quais?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 24- Módulo 2, Parte 2, Questão 3a

Estudante 1	<i>“Irresponsável.”</i> (fala que estão faltando letras)
Estudante 2	<i>“Irresponsável.”</i>
Estudante 3	<i>“Não está no plural.”</i> (referindo-se à palavra ‘irresponsável’)

Estudante 4	<i>“Acabam é com m, não é com o e til, não.”</i>
-------------	--

A pessoa identificada como “Eur” escreve *“inresponsavel”* e *“acabão”*, o que levou ao comentário *“Vai aprender a escrever corretamente, depois você pensa em disparar uma crítica sem lógica como essa.”*, que aparece logo abaixo do seu post.

Para a Questão 3b: “Com base na resposta acima: “Eur” tinha ou não o direito de dar sua opinião? Expliquem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 25- Módulo 2, Parte 2, Questão 3b

Estudantes em coro	<i>“Tinha [o direito de dar sua opinião].”</i>
Estudante 1	<i>“Todo mundo tem direito de expressão.”</i>
Estudante 2	<i>“Todo mundo pode dar sua opinião, mas tipo...as pessoas pensam que errar no português é meio que...tirar o direito da pessoa de expôr sua opinião.”</i>

Nenhum/a estudante associou os desvios da grafia à perda do direito de opinião de “Eur”, o que sugere mais uma vez que os preconceitos em relação a certos usos da língua não são um problema predominante nas novas gerações. Mas a chamada ideologia da gramática tradicional é um fantasma que consegue assombrar com maestria diferentes grupos da sociedade, consolidando no imaginário popular a ideia de separação entre *o inteligente*, que detém a variedade padrão, e *o burro*, que não tem direito à comunicação pelo fato de não dominar tal variedade.

Para a Questão 3c: “Identifiquem a opinião apresentada no comentário de ‘Eur’.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 26- Módulo 2, Parte 2, Questão 3c

Estudante 1	<i>“Tem mães que são irresponsáveis.”</i>
-------------	---

Apesar de ‘Eur’ não ter compreendido o motivo da queda do bebê no rio (o fato de a mãe ter se desequilibrado), dois tipos de comentários foram feitos: um que julga e critica (Gi) e outro que esclarece o fato informado na notícia (En).

Para a Questão 3d: “Comparem as duas respostas diferentes dadas ao comentário de “Eur”. Qual das duas respostas vocês consideram mais apropriada: a de “Gi” ou a de “En”? Expliquem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 27- Módulo 2, Parte 2, Questão 3d

Estudantes em coro	<i>“a de ‘En’”</i>
Estudante 1	<i>“o ‘En’ fala sobre a notícia... [a ‘Gi’] critica o erro de português.”</i>
Estudante 2	<i>“o ‘En’ ajudou falando a informação certa [...] a mãe se desequilibrou na lama.”</i>

Esses dois comentários exemplificam claramente maneiras diferentes de comunicação e os/as alunos/alunas perceberam que a melhor forma de fazer isso é tentando contribuir de forma produtiva, sem julgamentos ou tentativas de dar aulas da variedade padrão do português em momentos inoportunos.

Módulo 2, Parte 3 - Atividade oral

Objetivos para a Parte 3

Reflexão acerca do tema neutralização de sotaque, a partir do fato ocorrido com a influencer Juliette, a quem foi pedido para ter seu sotaque neutralizado em um teste de dublagem. Foi observado se os/as estudantes poderiam chegar à reflexão de que um grupo da sociedade determina qual língua será aceita como a ideal, fazendo essa associação a partir da reflexão feita por meio do vídeo assistido na parte 1.

Descrição dos resultados

As atividades foram aplicadas com um grupo de 9 alunos/as do 6º e 7º anos, de forma oral. Para a coleta dos dados, foram gravados áudios durante a realização da atividade.

Para a Questão 1a: “Em qual site a manchete foi publicada?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 28- Módulo 2, Parte 3, Questão 1a

Estudantes em coro	<i>“O hoje.com”</i>
--------------------	---------------------

Para a Questão 1b: “Vocês sabem o que é xenofobia? Expliquem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 29- Módulo 2, Parte 3, Questão 1b

Estudante 1	<i>“É o preconceito com pessoas de outras regiões, mais especificamente no caso é nordeste.”</i>
Estudante 2	<i>“Xenofobia é preconceito contra sotaques diferentes.”</i>

Para a Questão 1c: “O que é um teste de dublagem?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 30- Módulo 2, Parte 3, Questão 1c

Estudante 1	<i>“Teste pra ver se a voz da pessoa tá boa, se ela consegue acompanhar o personagem falando.”</i>
Estudante 2	<i>“É um teste pra saber se a pessoa tem algo em comum e a voz combina com o personagem que ela vai fazer, tanto em filme de pessoa, ou de animação, quanto série.”</i>
Estudante 3	<i>“Teste de dublagem é pra ver se a voz sai bem com o personagem ou se combina.”</i>

Para a Questão 2a: “O que vocês entenderam como neutralização de sotaque? Qual é a opinião de Juliette sobre isso?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 31- Módulo 2, Parte 3, Questão 2a

Estudante 1	<i>“É tirar o sotaque dela...”</i>
Estudante 2	<i>“Tirar o sotaque nordestino dela.”</i>
Estudante 3	<i>“Ficar falando como as pessoas mais normais falam...”</i> Professora: <i>“O que é ser uma pessoa normal?”</i>

	E3: <i>“Falar sem sotaque.”</i> Professora: <i>“E quem fala sem sotaque?”</i>
Estudante 4	<i>“Toda pessoa fala com sotaque.”</i> Professora: <i>“Eles querem que ela siga o sotaque de qual estado?”</i>
Estudante 5	<i>“[...] Em São Paulo eles falam mais certinho.”</i>

Parte 2 da questão: “Qual é a opinião de Juliette sobre isso?”

Estudante 1	<i>“[A Juliette acha neutralização de sotaque] ridículo, porque isso é totalmente errado, não precisa ter isso...”</i>
Estudante 2	<i>“[A Juliette acha que neutralização de sotaque] é xenofobia.”</i>
Estudante 3	<i>“Ela achou estranho mas já conhecia [esse tipo de preconceito].”</i>

As respostas a essa questão acabaram por manifestar a reprodução inconsciente da ideologia do bom falante da língua portuguesa. Termos como “pessoas mais normais” e “eles falam mais certinho” deixam o entendimento de que, por mais que as novas gerações estejam se libertando de certos preconceitos, a reprodução do discurso pronto sobre a “língua perfeita” ainda acaba acontecendo.

Para a Questão 2b: “Vocês concordam com ela? Expliquem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 32- Módulo 2, Parte 3, Questão 2b

Estudante 1	<i>Sim...é [xenofobia].</i>
Estudante 2	<i>Eu concordo, porque xenofobia como eu disse é uma coisa errada que não deve se fazer, afinal todo mundo tem que respeitar a origem e o sotaque de todo mundo [...].”</i>

Para a Questão 2c: “Para vocês, quem determina qual o sotaque e a linguagem a serem utilizados nas mídias áudio-televisivas? Como isso ocorre?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 33- Módulo 2, Parte 3, Questão 2c

Estudante 1	[<i>As pessoas que estão gravando</i>]. Professora: “ <i>Essas pessoas fazem parte da classe popular?</i> ”
Estudante 2	“ <i>Sim.</i> ”
Estudante 3	“ <i>Não.</i> ” Professora: “ <i>Por que pediram para a Juliette neutralizar o sotaque?</i> ”
Estudante 4	“ <i>Porque a pessoa que ela ia dublar tinha sotaque diferente.</i> ”
Estudante 5	“ <i>Porque o personagem que ela ia dublar não combina com o sotaque dela...e por causa da xenofobia porque esse povo aí é tudo xenofóbico.</i> ”
Estudante 6	“ <i>Porque eles se acham a última bolacha do pacote.</i> ”
Estudante 7	“ <i>Porque eles falam melhor, certo, não tem sotaque [...], [mas pode ser xenofobia].</i> ”

É possível notar que muitas dúvidas surgiram em relação a essa questão, pois nem a própria Juliette soube explicar se ela realmente foi vítima de xenofobia ou não. De qualquer maneira, o benefício da dúvida torna a discussão válida, visto que a xenofobia existe e as tentativas de neutralizar sotaques também.

Módulo 2, Comentário crítico - Atividade escrita individual

Objetivo para o comentário crítico

Reflexão acerca da pergunta inicial do módulo 2: “Língua e sociedade: quem dita as regras?”, associando-a às atividades realizadas nas partes 1, 2 e 3 do módulo. Foi importante deixar claro, durante o processo, que a proposta das atividades era que os/as estudantes observassem os jogos de poder que envolvem os usos de diferentes variedades linguísticas.

Descrição dos resultados

A atividade foi aplicada com um grupo de 9 alunos/as do 6º e 7º anos.

Para o comentário crítico: “Língua e sociedade: quem dita as regras?” foi

obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 34- Módulo 2, Comentário crítico

Referência à ideia de que “cada um dita suas próprias regras”.	4 estudantes
Referência a “aqueles que têm ou acham que têm mais poderes”.	2 estudantes
Referência a “a própria sociedade”.	2 estudantes
Depende do lugar.	1 estudante

Foi alto o grau do desafio para estudantes de 6º e 7º anos em relação aos comentários críticos. Apesar disso, as expectativas em relação à pesquisa foram contempladas, já que, mesmo com pouco detalhamento nas respostas, a turma demonstrou ser capaz de absorver e abraçar as propostas de reflexão. É interessante observar como as respostas se completam e parecem ter uma tendência transgressora, refletindo a proposta deste trabalho.

Módulo 3- Existe uma única língua portuguesa disponível?

☐ Esse módulo será feito oralmente, através de discussões a serem realizadas a partir das questões apresentadas. À medida que as perguntas forem lidas, vocês terão a oportunidade de participar com suas respostas e comentários, respeitando um limite de falas e de tempo, a serem combinados.

Parte 1- Tempo previsto: 1 hora

📺 Vamos assistir a um vídeo sobre diversidade linguística. Em seguida, vamos conversar a respeito dele.



[Diversidades - Diversidade Linguística](#) Publicado em 2018 no YouTube. Acesso em 05 jul.2022.

⇒ Questão 1

- Então, respondendo ao questionamento feito no início do vídeo: “tauba” é certo ou errado? Expliquem.
- O vídeo também questiona: existe uma unidade linguística no Brasil? Expliquem como se deu e se dá a diversidade linguística no nosso país.
- Segundo o conteúdo apresentado no vídeo, podemos usar qualquer variedade linguística em qualquer lugar em que estivermos? Expliquem.
- Suponham que uma pessoa não use uma modalidade recomendada da língua em determinada situação, por provável falta de conhecimento de como fazer isso de forma adequada àquele contexto. Como nós devemos reagir diante disso?

Parte 2- Atividade oral - Tempo previsto: 1 hora

👁️ Observe e leia os posts a seguir.

Post 1

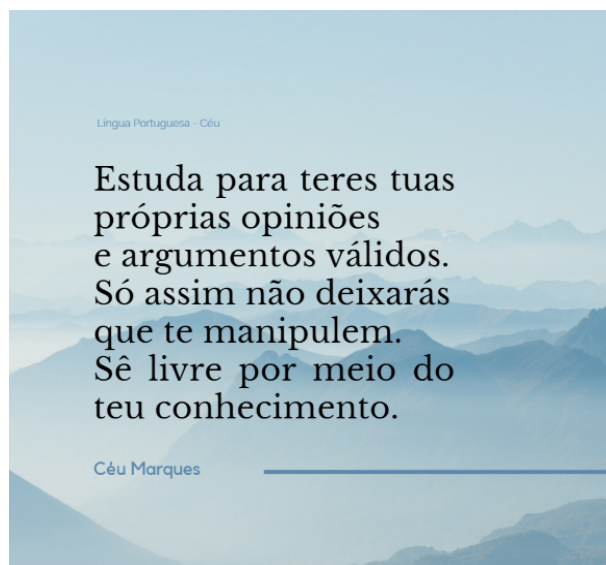


👉 Extraído da página do Facebook “Educação e transformação”. Publicado em 26 jun.2022. Disponível em:

<https://www.facebook.com/educaretransformar/photos/a.1641207875919433/8033896973317126/>.

Acesso em 05 jul.2022.

Post 2



👉 Extraído da página do Facebook “Língua Portuguesa”. Publicado em 01 jul. 2021. Disponível em:

<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.271773609503284/6429432043737379/>.

Acesso em 05 jul.2022.

⇒ **Questão 1**

- a) Qual desses *posts* tomou como base o pronome *tu*? E qual tomou como base o pronome *você*?
- b) Qual desses *posts* apresenta uma modalidade de língua que pode provavelmente aparecer em uma situação comunicativa formal? E qual deles tem uma modalidade de língua com maior chance de aparecer em uma situação muito formal?
- c) Qual deles possui mais palavras que não são comuns no dia a dia de vocês? Quais são essas palavras?

Análises de resultados

Módulo 3, Parte 1 - Atividade oral

Objetivos para a Parte 1

Reflexão acerca do vídeo Diversidade Linguística. Foi observado se os/as estudantes assimilariam o conceito de variação linguística, como algo real e justificável e que, de forma alguma, não se deve agir de forma preconceituosa contra quem não usa a modalidade esperada da língua em determinada situação.

Descrição dos resultados

As atividades foram aplicadas com um grupo de 10 alunos/as do 6º e 7º anos.

Para a Questão 1a: “Então, respondendo ao questionamento feito no início do vídeo: dizer/escrever “tauba” é certo ou errado? Expliquem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 35- Módulo 3, Parte 1, Questão 1a

Estudante 1	<p><i>“Em alguns lugares, pra algumas pessoas é errado, mas pra algumas pessoas é certo, porque...na visão delas, ela tá tentando falar uma coisa certa...só que pros outros ela tá falando errado, então aí as pessoas têm preconceito...entre aspas...de ficar corrigindo a pessoa toda hora.”</i></p>
-------------	--

Estudante 2	<i>“Não é errado, porque cada região do país tem um jeito de falar...tipo...aqui eu não sei como é que fala nem escreve, mas eu confundo tauba com tábua toda vez...”</i>
Estudante 3	<i>“Talvez a pessoa aprendeu a falar desse jeito ou foi ensinada desse jeito.”</i>
Estudante 4	<i>“Em alguns lugares é certo e em alguns lugares é errado [...] certo e errado depende da região que a pessoa...em certa região pode estar certo...no caso mais nordeste ou norte brasileiro, e... mas sudeste, sul, centro-oeste é mais errado...”</i>
Estudante 5	<i>“A origem do sotaque pelo que eu acho pode ter vindo da roça...do interior.”</i>
Estudante 6	<i>“[...] os portugueses chegaram com a tábua...e os indígenas aprenderam a falar tauba.”</i>

O engajamento dos/das estudantes para a realização das atividades do projeto de ensino cresceu gradativamente, e no Módulo 3 ficou visível o interesse e a familiarização do grupo com a temática abordada. A participação dos/das estudantes que continuaram até o final do projeto foi fundamental para a pesquisa. As respostas apresentadas no Quadro 24 mostram que eles/elas assistiram ao vídeo com atenção e reproduziram suas informações em suas falas, apesar do fato de terem surgido as suposições baseadas em conhecimento prévio, equivocado ou não, acerca de abordagens sobre as variedades linguísticas.

Para a Questão 1b: “O vídeo também questiona: existe uma unidade linguística no Brasil? Expliquem como se deu e se dá a diversidade linguística no nosso país.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 36- Módulo 3, Parte 1, Questão 1b

Estudantes em coro	<i>“Sim.”</i> Professora: <i>“Todo mundo fala igual no Brasil?”</i>
Estudante em coro:	<i>“Não.”</i> Professora: <i>“Qual palavra é o contrário [de unidade]?”</i>
Estudante 1	<i>“Diversidade”</i>

Foi necessário esclarecer o que significa unidade linguística, já que o grupo respondeu prontamente que existe uma unidade linguística no Brasil. Termo esclarecido, os/as estudantes concordaram que em nosso país predomina a diversidade linguística. Em relação à parte 2 da questão, foi discutido sobre a mistura de povos e línguas e o quanto o Brasil é imenso em território, com diferentes origens em cada lugar.

Para a Questão 1c: “Segundo o conteúdo apresentado no vídeo, não podemos usar qualquer variedade linguística em qualquer lugar em que estivermos. Vocês concordam com essa afirmação? Expliquem.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 37- Módulo 3, Parte 1, Questão 1c

Estudante 1	“ <i>Não [concordo].</i> ”
Estudante 2	“ <i>Em uma favela se você disser alguma gíria errada, eles podem te matar</i> ”
Estudante 3	“ <i>Eu acho que dependendo do lugar você não pode falar gírias...porque...tipo um jornalista...se eles falarem gírias, muita gente pode não entender</i> ”
Estudante 4	“ <i>É que...por exemplo, cê tá num lugar chique aí você vai lá e fala uma gíria e a pessoa pode não gostar e tals...mas se você tiver na favela e falar uma gíria...não tem problema.</i> ”

O foco, como é possível ver, ficou nos usos de gírias, porém elas ficaram no âmbito dos exemplos dados pelo grupo, que fez oposição entre gíria e variedade formal da língua. De qualquer forma, a discussão foi levada para o objetivo da proposta de ensino na próxima questão.

Para a Questão 1d: “Suponham que uma pessoa não use uma modalidade recomendada da língua em determinada situação. Como nós devemos reagir diante disso?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 38- Módulo 3, Parte 1, Questão 1d

Resumo da	<i>Sem preconceito e com respeito.</i>
-----------	--

professora	
------------	--

Como as falas foram unânimes, porém um pouco desorganizadas, aqui aparece um resumo da finalização da questão. O importante é a percepção do aumento do nível de conscientização linguística do grupo ao longo da aplicação do projeto de ensino, já que o posicionamento de cada um/uma apresenta um viés politizado e com desejável desenvoltura durante as discussões, apesar da pouca idade ficar evidente em momentos específicos nos quais o senso comum foi priorizado.

Módulo 3, Parte 2 - Aividade oral

Objetivos para a Parte 2

Reflexão sobre dois *posts*: um com frase empregando o pronome 'tu' e outro com frase empregando o pronome 'você'. Foi observado se os/as estudantes identificariam o post 2 como aquele que possui uma modalidade da língua pouco usual, pois toma como base o pronome 'tu', com a forma verbal de 2ª pessoa do singular correspondente, em desuso na maior parte do Brasil; que o pronome 'você' tem sido tomado como base em situações formais, sendo que o uso do pronome 'tu' com a forma verbal de 2ª pessoa do singular talvez possa aparecer em situações muito formais, como textos científicos; que palavras como *teres*, *tuas*, *deixará* e *sê*, no modo indicativo em 2ª pessoa do singular, não são usuais em contextos como o que aparece no post.

Descrição dos resultados

As atividades foram aplicadas com um grupo de 10 alunos/as do 6º e 7º anos.

Para a Questão 1a: "Qual desses *posts* usa uma linguagem mais frequente no dia a dia? Como vocês chegaram à conclusão?", foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 39- Módulo 3, Parte 2, Questão 1a

Estudantes em coro	<i>"Post 1."</i>
Estudante 1	<i>"Linguagem do post 2 é mais usada em Portugal."</i>
Estudante 2	<i>"Eu uso a linguagem do post 2 quando tem que ser"</i>

	<i>educado.</i> "
--	-------------------

Como dito na última análise (Quadro 27), o senso comum equivocado se evidencia quando o estudante 2 diz que é preciso utilizar a variedade padrão para mostrar-se “educado”. Mais uma vez, é possível identificar a reprodução da ideologia da gramática tradicional. Dessa maneira, foi importante deixar claro que “ser educado” não se equivale a utilizar uma variedade linguística incomum no Brasil, já que o uso do *tu* em Minas Gerais, por exemplo, comumente não tem sido visto nem mesmo nos compêndios escolares.

Para a Questão 1b: “Qual dos posts possui mais palavras que não são comuns no dia a dia de vocês? Quais são essas palavras?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 40- Módulo 3, Parte 2, Questão 1b

Estudantes em coro	“ <i>Post 2.</i> ” Palavras: “ <i>teres, tuas, sê, deixarás.</i> ”
--------------------	--

Não há dúvidas de que o post 2 foi elaborado em uma variedade linguística incomum à maioria dos falantes/escreventes brasileiros, até mesmo em livros literários atuais, de abrangência nacional.

Módulo 3, Comentário crítico - Atividade escrita individual

Objetivo para o Comentário crítico

Reflexão acerca da pergunta inicial do módulo 3: “Existe uma única língua portuguesa disponível?”, associando-a às atividades realizadas nas partes 1 e 2 do módulo. Foi importante deixar claro, durante o processo, que a proposta das atividades era que os/as estudantes observassem a legitimidade dos usos de diferentes variedades linguísticas.

Descrição dos resultados

A atividade foi aplicada com um grupo de 10 alunos/as do 6º e 7º anos.

Para o comentário crítico: “Existe uma única língua portuguesa disponível?” foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 41- Módulo 3, Comentário crítico

Referência à sotaques e regiões	9 estudantes
Referência à língua portuguesa de outro país (Angola, escritor Ondjaki)	1 estudante
Referência à origem familiar	3 estudantes
Referência às linguagens formal/informal	2 estudantes
Referência a julgamentos e preconceitos	2 estudantes

Foi unânime o comentário de que não há uma única língua portuguesa disponível, e a maioria dos/das estudantes colocou os diferentes sotaques e lugares como motivos principais para esse fato. A referência ao escritor angolano Ondjaki se deve ao estudo do conto “Manga verde e o sal também”, que foi realizado em um período do ano letivo.

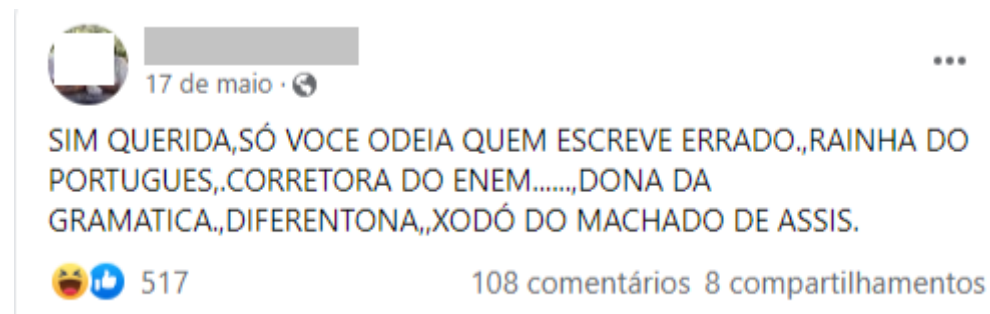
Módulo 4- Por que certos usos da língua incomodam?

☐ Esse módulo será feito oralmente, através de discussões a serem realizadas a partir da orientação da professora. Vocês terão a oportunidade de participar com seus comentários e reflexões, respeitando um limite de falas e de tempo, a serem combinados.

Parte 1- Tempo previsto: 1 hora

👁️ Observem e leiam os *posts* a seguir. Vamos conversar sobre as características identificadas e o assunto abordado. (os nomes e fotos foram suprimidos)

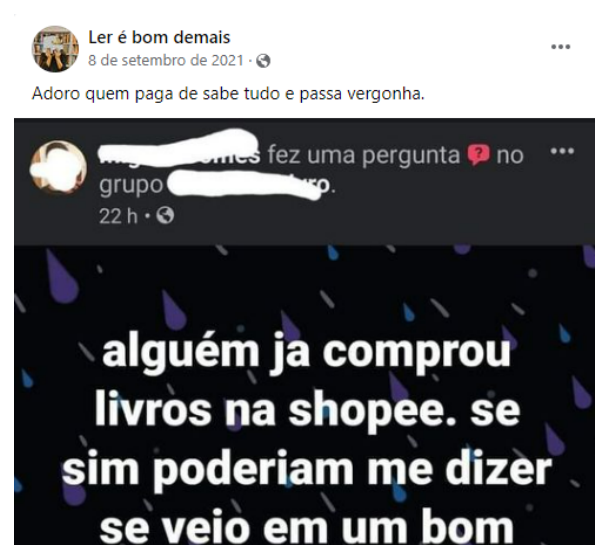
Post 1



👉 Extraído de perfil do Facebook. Publicado em 17 mai. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/matoslindalva/posts/pfbid0ty4Mwf7Mui6aeNiaSYcexEaHnmPK3HcX6xb4WYZJFY6iyDJX4vPQ7fg9tiQEpJ1Gf>. Acesso em 25 jun.2022.

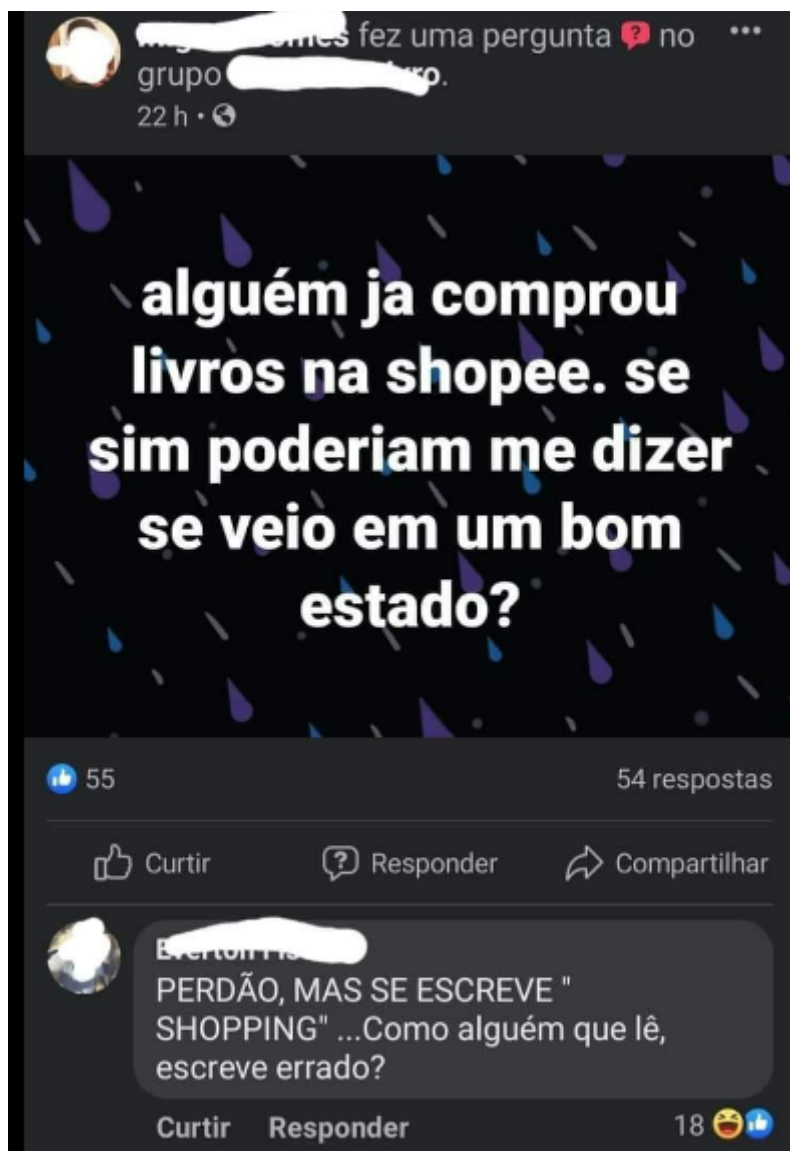
Post 2

Versão 1: com legenda



👉 Extraído de página do Facebook. Publicado em 08 set. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/lerdemais/posts/pfbid0WgZHtKtVewYoJn6jWgfZMiGWcomJBf9s5kkWXY3vJ3GjSpQ2L1UcTws7xafe6SYI>. Acesso em 25 jun.2022.

Versão 2: com comentário



👉 Extraído de página do Facebook. Publicado em 08 set. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/lerdemais/posts/pfbid0WgZHtKtVewYoJn6jWgfZMiGWcomJBf9s5kkWXY3vJ3GjSpQ2L1UcTws7xafe6SYI>. Acesso em 25 jun.2022.

Parte 2 - Tempo previsto: 1 hora

👁️ Observem e leiam os *posts* a seguir. Vamos conversar sobre as características identificadas e o assunto abordado. (os nomes e fotos foram suprimidos)

Post 1



Língua Portuguesa

Assinar

Curtir

Apaixonado por

apaixonado ~~em~~ / apaixonado **por** ✓

Exemplos:

Estou apaixonada ~~neste~~ vestido.

Estou **apaixonada por** este vestido. ✓

Ele está apaixonado ~~em~~ mim.

Ele está **apaixonado por** mim. ✓

Ja ouvi o Luciano Huck falando "apaixonado em, apaixonado na", várias vezes, procurem na internet que vão ver, é de doer os ouvidos 🙄

Curtir Responder 5 d



verdade! Dói mesmo os ouvidos!

Curtir Responder 3 d



Responda a [redacted]



Tenho percebido essa construção!!!

Curtir Responder 5 d



👉 Extraído da página do Facebook "Língua Portuguesa". Publicado em 19 jun. 2022. Disponível em:

<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/posts/pfbid028QP958YCbaFkvsgFWbHhVUyGaZTqNu2DkXTRHfPenzCxyzYZPGZ7wAkfeeDboPYEJl>. Acesso em 25 jun.2022.

Post 2



Língua Portuguesa

Assinar

Curtir

Acho tão lindo um texto escrito corretamente com o pronome "tu". Eu fiz o meu!

Apostilas digitais com exercícios de português:

<https://www.linguaportuguesa.blog.br/apostilas-exercicios>

Língua Portuguesa - Céu

Estuda para teres tuas
próprias opiniões
e argumentos válidos.
Só assim não deixarás
que te manipulem.
Sê livre por meio do
teu conhecimento.




Superfã


Al


Eu acho muito bonito falar o "tu" corretamente, Mas nem todos respeitam a regra, e parece que já está se tornando até normal.

Curtir Responder 50 sem


 N. [redacted]
 Estudas, nao?
 Já que é tu, estudar, estou certa?
 Curtir Responder 51 sem


^ Ocultar 11 respostas


 Ig. [redacted]
 Nicee Takako Ogawa, sim.
 V.:
 (eu) estudo;
 «(tu) estudas»;
 (ele, ela) estuda;
 (nós) estudamos;
 (vós) estudais;
 (eles, elas) estudam.
 O «vós» fez as malas e foi-se embora.
 Curtir Responder 51 sem Editado


 Da [redacted]
 I [redacted] não. Nesse caso esta no
 imperativo.
 Curtir Responder 51 sem

📌 Extraído da página do Facebook “Língua Portuguesa”. Publicado em 01 jul.2021. Disponível em:
https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/posts/pfbid027TtP3zvfLbEPFGtKUnjwWL_CyMGUJnLi6AEjvx4GibcvkQggUH61AffnhfeD1S8ul. Acesso em 25 jun.2022.

Post 3

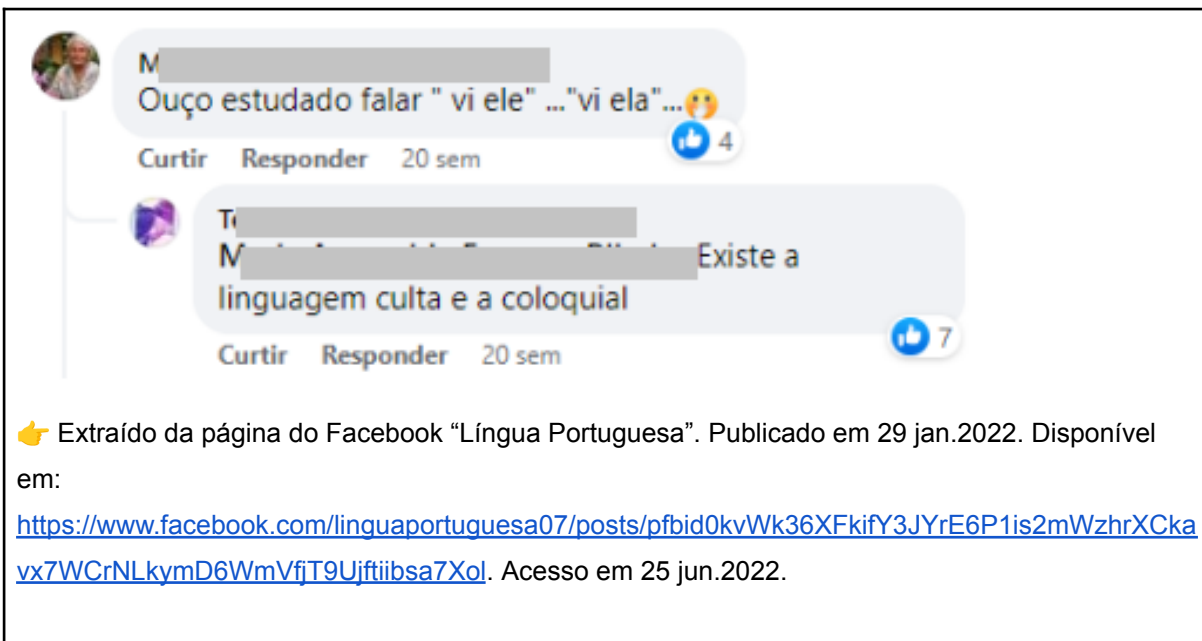

 Língua Portuguesa

 Assinar
 Curtir

Eu não vi ele.

Certo ou errado?

- Para a **gramática**, está **errado**.
O **certo** é *eu não o vi*.
- Para a **linguística**, depende da situação.
Em uma reunião de trabalho, está **inadequado**.
Em um encontro com amigos, está **adequado**.



👉 Extraído da página do Facebook “Língua Portuguesa”. Publicado em 29 jan.2022. Disponível em:
https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/posts/pfbid0kvWk36XFkifY3JYrE6P1is2mWzhrXCka_vx7WCrNLkymD6WmVfjT9Ujftiibsa7Xo!. Acesso em 25 jun.2022.

Análises de resultados

Módulo 4, Parte 1 - Atividade oral

Objetivos para a Parte 1

Reflexão acerca de dois *posts* que abordam correções linguísticas alheias/aleatórias. No primeiro post, foi observado se os/as estudantes identificariam detalhes como: letra em caixa alta; a pontuação empregada; a referência a Machado de Assis; a raiva da autora do post; números de curtidas, comentários e compartilhamentos; foi observado também se seriam capazes de criar hipóteses: qual pode ter sido a motivação do post. No segundo post, foi observado se os/as estudantes perceberiam a comicidade da situação, que acaba comprovando que pessoas são passíveis de errar; a diferença entre Shopee, um app, e shopping, um centro de compras; o tipo do grupo que originou o post; o contexto e o teor da pergunta feita no post; como é possível identificar que a primeira parte do post se trata de uma pergunta, já que não possui um ponto de interrogação.

Descrição dos resultados

As atividades foram aplicadas com um grupo de 09 alunos/as do 6º e 7º anos.

Para a Parte 1: “Observem e leiam os posts a seguir. Vamos conversar sobre as características identificadas e o assunto abordado.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 42- Módulo 4, Parte 1

Estudante 1	[<i>Machado de Assis é um escritor.</i>]
Estudante 2	Professora: “ <i>O que é uma pessoa ser um xodó?</i> ” “ <i>É ser uma pessoa preferida.</i> ”
Estudantes em coro	Professora: “ <i>Isso foi publicado em um grupo. Qual é o nome do grupo?</i> ” “ <i>Ler é bom demais.</i> ”
Estudante 3	“ <i>No post [2(versão 2)], a pessoa estava se referindo ao aplicativo shopee, e ele entendeu shopping.</i> ”
Estudante 4	“ <i>Na verdade o [...] fez uma correção totalmente errada, porque...tá, é shopping, mas a pessoa perguntou shopee...esse aí não sabe o que é shopee.</i> ”
Estudantes em coro	Professora: “ <i>Voltando para o post 1: pelo número de curtidas, vocês acham que tem alguma coisa errada em tentar corrigir os outros na internet toda hora?</i> ” Sim
Estudante 5	Professora: “ <i>Incomoda, né?</i> ” “ <i>Incomoda, eu sei como que é isso...eu sei como incomoda, fessora.</i> ”

Quadro 43- Módulo 4, Parte 2

Estudante 1	Professora: “ <i>O que ela (Céu Marques) quer vender?</i> ” “ <i>Material didático de Língua Portuguesa.</i> ”
Estudante 2	Professora: “ <i>Vocês lembram desse post?</i> ” “ <i>Sim, sobre as palavras que a gente não usa no nosso cotidiano.</i> ”
Estudante 3	Professora: “ <i>Certos grupos de pessoas querem fazer as outras acreditarem que elas não sabem usar a Língua Portuguesa, pra excluir essas pessoas.</i> ” “ <i>A Cintia Chagas e a Céu Marques querem normalizar a língua portuguesa formal no dia a dia.</i> ”
Nenhuma resposta	Professora: “ <i>O que significa ‘o vós fez as malas e foi</i>

	<i>embora’? Quem usa vós?</i> Sem resposta.
Estudante 4	Professora: <i>“Essa confusão entre o estuda e o estudas prova mais uma coisa: que é normal a gente se...”</i> <i>“Confundir.”</i>
Estudante 5	Professora: “[Post 3] Por que ele ouve estudado dizer vi ele / vi ela? <i>“Existe linguagem culta e coloquial.”</i>
Estudante 6	Professora: <i>“Se a [coordenadora da escola] chegar e me perguntar ‘você viu o [coordenador da escola], vou responder ‘eu não o vi’? Como eu responderia?”</i> <i>“Eu não vi ele.”</i>

No final dessa atividade, os/as estudantes tiveram a oportunidade de refletir acerca dos motivos que levaram uma pessoa chegar a dizer que seus ouvidos “doem” quando ouve determinadas variedades da língua. O processo de superiorização de uma variedade linguística em detrimento de outras deve-se à insistência das camadas sociais elitizadas de se diferenciarem das camadas sociais populares. Essa chamada elite social impôs uma única língua portuguesa excludente já no período colonial, na tentativa de destacar colonizadores como os detentores do poder e da língua “correta”, enquanto os colonizados eram caracterizados como aqueles que não sabiam utilizar a “verdadeira e única língua portuguesa”. Esse processo respinga, portanto, até os dias atuais, quando pessoas reproduzem a ideia de que qualquer variedade que não seja a determinada como padrão deve ser rechaçada e eliminada.

Módulo 4, Comentário crítico - Atividade escrita individual

Objetivo para o Comentário crítico

Reflexão acerca da pergunta inicial do Módulo 4: “Por que certos usos da língua incomodam?”, associando-a às atividades realizadas nas partes 1 e 2 do módulo. Foi importante deixar claro, durante o processo, que a proposta das atividades era que os/as estudantes observassem que o zelo excessivo de algumas pessoas pela variedade padrão da língua não acontece de forma aleatória, pois

existe uma razão para tais práticas.

Descrição dos resultados

A atividade foi aplicada com um grupo de 09 alunos/as do 6º e 7º anos.

Para o comentário crítico: "Por que certos usos da língua incomodam?" foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 44- Módulo 4, Comentário crítico

Referência à xenofobia/preconceito.	4 estudantes
Referência à influência dos antepassados.	2 estudantes
Referência à ideia de que algumas pessoas querem ser sempre as certas.	2 estudantes
Referência à ideia de que algumas pessoas não têm senso linguístico	1 estudante

A evolução no desenvolvimento de uma consciência linguística tornou-se perceptível nessa última seção de comentários críticos, pois até mesmo as práticas coloniais foram citadas como influência para a visão que as pessoas têm em relação aos usos das variedades linguísticas.

Módulo 5- Sistematização

□ Esse módulo será feito oralmente, através de discussões a serem realizadas a partir da orientação da professora. Vocês terão a oportunidade de participar com seus comentários e reflexões, respeitando um limite de falas e de tempo, a serem combinados.

Parte 1

👁️ Observem a imagem e leiam o texto abaixo:



13 DE MAIO Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair.

...Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

— Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o habito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim:

— “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina.”

...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome!

© Digitalizado com CamScanner

JESUS, Carolina Maria de [1960]. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ed. Ática, 1998, pp. 27. (Texto apresentado em Imagem escaneada do livro).

👉 Questão 1

a) Qual o tema central do trecho lido?

b) Existe alguma palavra no trecho que você não conheça ou que te cause algum estranhamento? Se sim, qual ou quais?

Parte 2

👁️ Leia o poema abaixo:

Humanidade

Depois de conhecer a humanidade
suas perversidades
suas ambições
Eu fui envelhecendo
E perdendo
as ilusões
o que predomina é a
maldade
porque a bondade:
Ninguém pratica
Humanidade ambiciosa
E gananciosa
Que quer ficar rica!
Quando eu morrer...
Não quero renascer
é horrível, suportar a humanidade
Que tem aparência nobre
Que encobre
As pesimas qualidades

Notei que o ente humano
É perverso, é tirano
Egoísta interesseiros
Mas trata com cortêzia
Mas tudo é hipocrisia
São rudes, e trapaçeiros

JESUS, Carolina Maria de. Meu estranho diário. São Paulo: Xamã, 1996. Disponível em: <www.revistaprosaveroearte.com/carolina-maria-de-jesus-poemas>. Acesso em: 30 mar. 2023.

👉 Questão 1

a) Descreva o sentimento da pessoa que fala nesse poema.

b) Procure identificar palavras cuja grafia te cause algum estranhamento. Essas palavras prejudicaram o entendimento da mensagem que o poema transmite?

👁️ Agora, leia abaixo o resumo da biografia da escritora do poema “Humanidade”.



"Carolina Maria de Jesus foi uma escritora mineira nascida em 14 de março de 1914. Apesar de ter apenas dois anos de estudo formal, tornou-se escritora e ficou nacionalmente conhecida em 1960, com a publicação de seu livro Quarto de despejo: diário de uma favelada, no qual relatou o seu dia a dia na favela do Canindé, na cidade de São Paulo. Morreu em 13 de fevereiro de 1977. Hoje é considerada uma das mais importantes escritoras negras da literatura brasileira.

O seu livro Quarto de despejo traz as memórias de uma mulher negra e favelada (como diz o subtítulo) que via a escrita como forma de sair da invisibilidade social em que se encontrava. Com seus diários, suas memórias registradas por meio da escrita, Carolina Maria de Jesus deu sentido à sua própria história e hoje é figura essencial na literatura brasileira."

Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>. Acesso em 30 mar. 2023.

🗨️ Questão 2

a) Você considera importante a oportunidade dada a Carolina Maria de Jesus para que ela publicasse seus livros? Que mensagem ela leva às pessoas?

b) As palavras que Carolina escreveu com grafias diferentes das usuais no poema deveriam ter sido um impedimento para que ela o publicasse? Explique sua opinião.

Parte 3

Apresentação dos participantes nas turmas

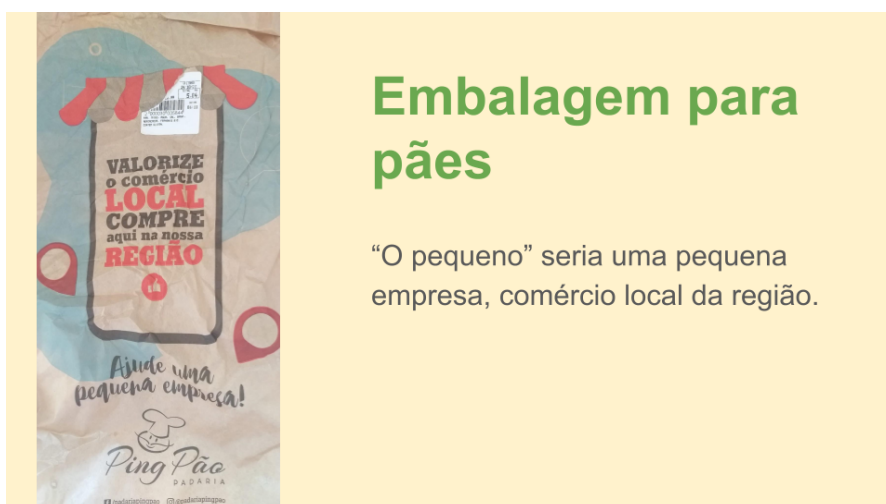
Discussão e reflexão sobre os conteúdos dos slides abaixo. Os/as alunos/as devem ser divididos/as em grupos para rodas de conversa nas turmas.



Embalagem para pães

Hipóteses para quem seria “o pequeno”

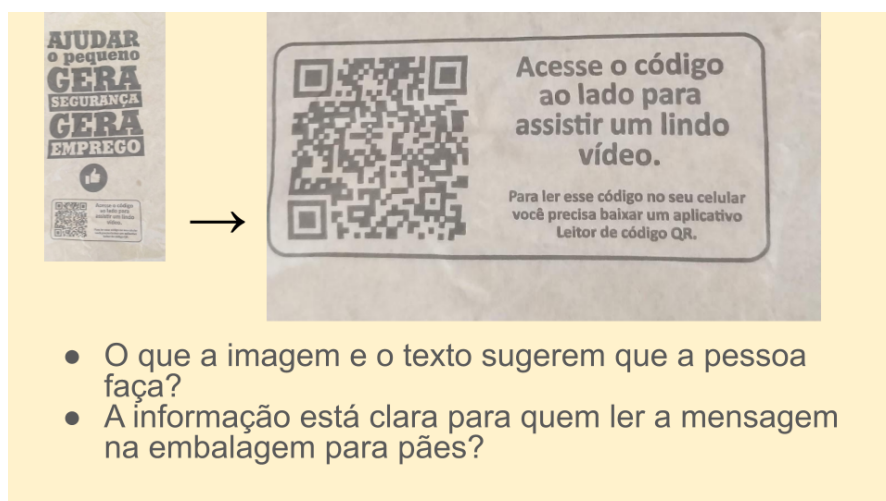
Slide 1



Embalagem para pães

“O pequeno” seria uma pequena empresa, comércio local da região.

Slide 2

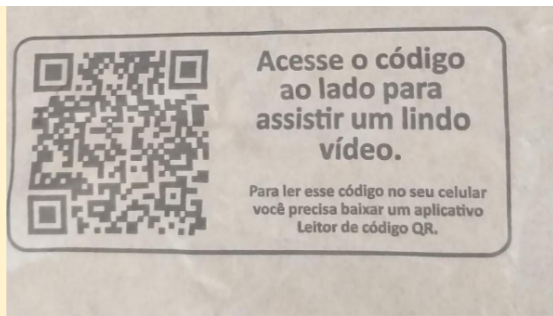


Embalagem para pães

Hipóteses para quem seria “o pequeno”

- O que a imagem e o texto sugerem que a pessoa faça?
- A informação está clara para quem ler a mensagem na embalagem para pães?

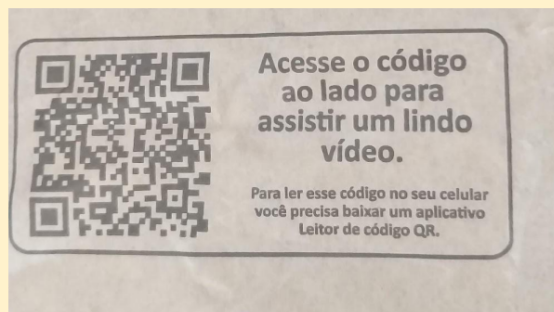
Slide 3



Veja novamente a imagem. Segundo a variedade padrão da língua portuguesa, qual das duas formas abaixo deveria ser escolhida?


1. Acesse o código ao lado para assistir um lindo vídeo.
2. Acesse o código ao lado para assistir a um lindo vídeo.

Slide 4



- O desvio da variedade padrão contido na mensagem prejudicou o seu entendimento?

Slide 5

<p style="text-align: center;">Humanidade</p> <p>Depois de conhecer a humanidade suas perversidades suas ambições Eu fui envelhecendo E perdendo as ilusões o que predomina é a maldade porque a bondade: Ninguém pratica Humanidade ambiciosa E gananciosa Que quer ficar rica! Quando eu morrer... Não quero renascer é horrível, suportar a humanidade Que tem aparência nobre Que encobre As pesimas qualidades</p> <p>Notei que o ente humano É perverso, é tirano Egoísta interesseiros Mas trata com cortezia Mas tudo é hipocrisia São rudes, e trapaçeiros</p>	 <p>Carolina Maria de Jesus (1914-1977), além de escritora, poeta e compositora, foi sambista, dramaturga, cantora e atriz circense. Inicialmente uma catadora de lixo, moradora em uma favela, enfrentou e venceu dificuldades na vida. Publicou livros, entre eles <i>Quarto de despejo</i>, <i>Pedaços da fome</i>, <i>Meu estranho diário</i>, e se tornou escritora reverenciada no Brasil inteiro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Qual é o tema central deste poema? ● Há algo nesse poema que te causou algum estranhamento? ● A mensagem que o poema tenta transmitir ficou prejudicada de alguma forma?
--	--	--

Slide 6

Análises de resultados

Módulo 5 - Atividade oral

Objetivos

Reflexão acerca do direito de expressão de qualquer indivíduo. Foi observado se os/as alunos/as teriam a percepção de que é possível entender um texto, mesmo que certas palavras causem algum estranhamento. Os/as estudantes foram preparados/as para uma sequência de apresentações deste módulo em algumas turmas da escola.

Descrição dos resultados - Parte 1

A atividade foi aplicada com um grupo de 09 alunos do 6º e 7º anos, em um grupo do aplicativo Whats App. As questões foram respondidas através de áudios.

Para a Parte 1, Questão 1a: “Qual o tema central do trecho lido?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 45- Módulo 5, Parte 1, Questão 1a

Resumo da professora	A maioria dos/das estudantes respondeu que o tema central do trecho lido é o fato de uma catadora passar dificuldades financeiras e sociais no dia em que se comemora a abolição da escravidão.
----------------------	---

Para a Parte 1, Questão 1b: “Existe alguma palavra no trecho que vocês não conheçam ou que cause algum estranhamento? Se sim, qual ou quais?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 46- Módulo 5, Parte 1, Questão 1b

Resumo da professora	As palavras que mais apareceram nas respostas foram <i>bodes expiatórios</i> e <i>bradar</i> . É interessante observar que as palavras com grafia fora da variedade padrão não apareceram nenhuma vez nas respostas.
----------------------	--

Descrição dos resultados - Parte 2

A atividade foi aplicada com um grupo de 09 alunos do 6º e 7º anos.

Para a Parte 2, Questão 1a: “Descrevam o sentimento da pessoa que fala nesse poema.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 47- Módulo 5, Parte 2, Questão 1a

Resumo da professora	A maioria dos/das estudantes respondeu que o eu lírico está decepcionado com a humanidade.
----------------------	--

Para a Parte 2, Questão 1b: “Procurem identificar palavras cuja grafia cause algum estranhamento. Essas palavras prejudicaram o entendimento da mensagem que o poema transmite?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 48- Módulo 5, Parte 2, Questão 1b

Resumo da professora	As palavras que apareceram foram: <i>pesimas, cortêzia, ipocresia e trapaçêiros</i> . Os/as estudantes responderam que essas palavras não prejudicaram o entendimento da mensagem do poema.
----------------------	---

Para a Parte 2, Questão 2a: “Vocês consideram importante a oportunidade dada a Carolina Maria de Jesus para que ela publicasse seus livros? Que mensagem ela leva às pessoas?”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 49- Módulo 5, Parte 2, Questão 2a

Resumo da professora	Os/as estudantes receberam muito positivamente a história de Carolina Maria de Jesus, considerando a importância do fato de que alguém em suas condições teve a oportunidade de compartilhar seus sentimentos e reflexões.
----------------------	--

Para a Parte 2, Questão 2b: “As palavras que Carolina escreveu com grafias diferentes das usuais no poema deveriam ter sido um impedimento para que ela o publicasse? Expliquem suas opiniões.”, foi obtido o seguinte, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 50- Módulo 5, Parte 2, Questão 2b

Resumo da professora	Os/as estudantes apontaram o quanto Carolina Maria de Jesus contribuiu ao compartilhar seus textos, reforçando que ela pode não ter tido a oportunidade de estudar por muitos anos, mas ainda assim ela teve a oportunidade de dizer o que pensava.
----------------------	---

Descrição dos resultados - parte 3

As atividades foram aplicadas oralmente em duas turmas: uma de 6º ano e uma de 7º ano. À medida que os *slides* eram apresentados, os/as estudantes interagiram com a turma através das perguntas e explicações, além de fazerem anotações sobre as respostas e reações apresentadas.

Na aplicação da atividade os/as alunos/as anotaram as seguintes respostas das turmas, de acordo com a perspectiva da pesquisa aqui proposta:

Quadro 51- Módulo 5, Parte 3

Momentos	Anotações dos/das estudantes
Slide 1 Ajudar o pequeno	<i>Ajudar quem não tem emprego; ajudar o próximo; ajudar os necessitados;</i>
Slide 2 “O pequeno” seria uma pequena empresa.	<i>Ajudar o comércio local: padarias, lojas etc; valorizar o comércio local.</i>
Slide 3 Acessar o QR Code	<i>Acessar o código para ver o vídeo; todos entenderam a informação passada no código; assistir o vídeo, todos entenderam.</i>
Slide 4 Assistir o vídeo Assistir ao vídeo	<i>Os dois estão certos; selecionaram a 2 como linguagem formal; forma popular (1) e forma padrão (2).</i>
Slide 5 O desvio da variedade padrão prejudicou o entendimento?	<i>Maioria: não; não prejudicou o entendimento para ninguém; todos entenderam; não prejudicou.</i>
Slide 6 Poema “Humanidade”	<i>O tema está falando da humanidade, está falando negativamente; fala da humanidade, nenhum estranhamento; tema central do poema: responderam humanidade e falaram que a humanidade é ruim. Não perceberam nenhum estranhamento.</i>

Em relação ao *Slide 1*, seria necessário que a turma tivesse um

conhecimento prévio sobre relações comerciais, talvez por isso ninguém apontou diretamente que “o pequeno” seria o comércio local. Com a explicação no Slide 2, a turma entendeu e exemplificou: alguns/ algumas estudantes questionaram o alto valor dos produtos de pequenos comércios próximos às suas residências. O conteúdo do *Slide 3* foi facilmente compreendido, por se tratar de uma prática comum entre as pessoas atualmente: o acesso a links através de QR Codes. Quanto à discussão sobre os *Slides 4 e 5*, foi esclarecido que mostrar que o desvio da variedade padrão na embalagem de pão não prejudicou o entendimento teve como intenção deixar claro que nem sempre as pessoas vão escrever ou falar na variedade padrão, o que não invalida seus dizeres. Por fim, os apontamentos feitos em relação ao slide 6 mostram mais uma vez que a clareza de um texto não tem a ver com sua grafia, mas com a mensagem transmitida, no caso a insatisfação do eu lírico com a humanidade. Ficou esclarecido que a grafia de uma língua é fruto de um acordo convencional que vale a pena aprender, o que não deslegitima os textos com grafias que não pertencem à variedade padrão.

ANÁLISE DE DADOS - CONCLUSÃO

Conforme previsto, não foi difícil desenvolver a aplicação de um conteúdo referente à conscientização linguística, pois o tema é de grande relevância principalmente para as novas gerações, que têm experimentado um período de rompimento de estigmas e de consciências de classe e de humanidade. Aliás, o maior desafio foi somar requisitos que permitissem a realização desse projeto, como: a anuência das famílias, os momentos e o espaço para a realização das atividades, a disciplina e a assiduidade de alunos/alunas de 6º e 7º anos, a coincidência entre o período de aplicação do projeto e o fechamento do ano letivo, o que impossibilitou o desenvolvimento de um produto para compartilhamento em prazo hábil (mas sem dizer que esse produto não será desenvolvido), entre outros fatores. Inicialmente, 18 alunos/alunas demonstraram interesse em participar do projeto de ensino, contudo o módulo final contou com a participação de apenas 09 estudantes, devido a motivos como: falta de autorização da família, conflito de projetos (a realização das atividades se deu no contraturno, mesmo horário de funcionamento da escola em tempo integral para o Ensino Fundamental 2), sonolência no período vespertino e dificuldade em manter o foco. Com tranquilidade, é possível afirmar que nenhum/a estudante classificou o projeto de ensino como irrelevante, sendo que até mesmo

aqueles/as que não o concluíram não deixaram de perguntar sobre novos projetos, além de lamentarem o fato de não terem conseguido terminar as atividades. Já os/as que conseguiram ser assíduos e atuantes durante as atividades, também demonstram interesse em participar de novos desafios.



Imagem 1- Aplicação do módulo 1 - Registro escrito em grupos



Imagem 2- Aplicação do módulo 1 - Registro escrito individual

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certa vez, no pronto-atendimento do hospital São Lucas, relatei à profissional de enfermagem que eu havia começado a sentir muita dor no pescoço após virar de lado na cama e ouvir um estalo em minha nuca. A moça soltou uma risada e respondeu: “Você ouviu um estalo em sua nuca.” Ao digitar a palavra *estalo*, o corretor automático a grifa e sugere *estalo*, apesar do verbo *estralar* estar presente nos dicionários de língua portuguesa como verbo transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo. Mas a questão aqui não é a presença ou falta do verbo no dicionário, pois o fato problemático é a atitude da funcionária do hospital: ela ignorou sua função naquele momento, que seria atender a uma urgência médica, e não corrigir o português da paciente.

Constrangimentos desse tipo podem ser evitados e o caminho para isso é a conscientização de que o diferente existe não para ser questionado, mas para conviver com as demais diferenças. Há anos venho procurando contribuir de alguma forma com o combate às muitas discriminações que assolam nossa sociedade. Até porque quem já sofreu ou esteve associado como vítima a algum tipo de discriminação possui maior propriedade para falar do problema, pois a experiência intensifica o conhecimento. Tenho pele branca, mas já sofri discriminação apenas pela convivência com pessoas negras, além de outras causas que alimentam os diversos tipos de preconceito existentes. Mas o que vivenciei não chega nem perto do quanto determinados grupos minoritarizados sofreram e sofrem, sejamos justas. De qualquer forma, o pensamento do homem branco colonizador já saiu de mim há muito tempo, por isso venho questionando atitudes como a imposição da variedade padrão como base para diferentes espaços comunicacionais, de maneira a tentar excluir identidades autênticas. Porém alegro-me ao ver que cada vez mais os diferentes sotaques, vozes e linguagens estão se fazendo presentes onde antes só se via o padrão colonial.

Acredito verdadeiramente que aquilo que não cabe em mim não é meu, então as imposições dificilmente encontrarão espaço dentro de quem eu sou. Por isso, o que eu ainda não apreendi, depois de tentar por diversas vezes, não é meu. Tenho essa mesma visão em relação aos meus alunos/as: forçados/as por diversas vezes a dizer “nós vamos”, muitos continuam a dizer “nós vai” e eu os compreendo, pois

não são eles/elas que precisam mudar. O que precisa mudar é a imposição, é a crença de que a língua portuguesa se resume àquela cobrada em concursos públicos, com o objetivo de eliminar, mas não eliminar mais um candidato que decorou as próclises, mesóclises e ênclises. Porque talvez o eliminado seja aquele que não decora as regras de uso da crase, mas possui habilidades linguísticas incontestáveis e interpretam um texto como nem todos o fazem. É uma herança colonial essa ideia de que, para não ser excluído, é necessário se adaptar. Ninguém precisa se adaptar, mas precisamos sim de que nossos espaços sejam respeitados.

Provavelmente a pergunta que fica martelando em algumas cabeças é: o que ensinar nas aulas de língua portuguesa, se não as colocações pronominais? Vamos ensinar a habilidade de se comunicar, as habilidades de entender e ser entendido/a. Vamos ensinar a habilidade de usufruir dos mais variados eventos linguísticos. Até porque, para quem quiser se adaptar, não faltam por aí cursinhos de gramática da variedade imposta como padrão. E uma sala de aula não deve ser um canteiro de reprodução de ideias colonizadoras, elitistas e excludentes.

O campo educacional tem peculiaridades desafiadoras para uma pesquisa de mestrado, cujos prazos e critérios específicos nem sempre vão condizer com os tempos e ambiente escolares. Apesar disso, acredito que o intuito principal deste trabalho tenha sido alcançado: o compartilhamento de uma postura decolonial, inclusiva e abrangente em relação aos diversos tipos de apropriações das várias línguas portuguesas.

Ao analisar a realização do projeto de ensino proposto, ouvir os áudios e rever os registros escritos realizados pelos/as participantes, veio a sensação de ter feito um trabalho prazeroso e que fluiu com leveza. Inicialmente, eu havia lamentado o fato da impossibilidade de aplicação das atividades em turmas de 9º ano, ao acreditar que o andamento do projeto seria mais produtivo, mas realmente não sei se eu conseguiria uma participação tão efetiva quanto a que eu tive com os/as alunos/as de 6º e 7º anos. Ficou evidente o interesse e o quanto esses/as participantes aprenderam e se conscientizaram como cidadãos/as. Mas não tem como deixar de apontar que o número de estudantes alcançados/as foi baixo em relação à importância do trabalho realizado e a quantidade de alunos/alunas que a escola possui. Sendo assim, destaco a necessidade da elaboração de um material

de divulgação do projeto para o conhecimento de comunidades escolares.

O que fica, por ora, é a sensação de um sonho realizado, que consiste em uma singela contribuição no combate às desigualdades. Em uma breve avaliação, apesar dos problemas de exclusão que ainda enfrentamos em nossa sociedade, o cenário é positivo. São crescentes os debates sobre o respeito ao ser humano e à quebra de raízes profundas que alimentam certas crenças discriminatórias. E a escola vem atuante nessas mudanças, através de profissionais que lutam por igualdade e pela construção social de uma nova estrutura, horizontal e humanizada.

Espero ainda, portanto, que essa pesquisa tenha contribuído para ampliar a discussão sobre as práticas linguísticas adotadas em nossa sociedade, dentro ou fora da escola. Enfatizo a necessidade de que novas pesquisas sejam realizadas no ambiente escolar a fim de conscientizar estudantes e profissionais da educação sobre práticas linguísticas preconceituosas, realizadas consciente ou inconscientemente em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Ricardo Nascimento. **Direito Linguístico**: olhares sobre as suas fontes. A Cor das Letras (UEFS), v. 21, p. 172-184, 2020.
- ANDRADE, Oswald de. **Pau Brasil**. São Paulo: Globo, 2003. P.167.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil**. João Pessoa-PB: Graphos, v. 12, n. 2 Dez/2010.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social**. Edições Loyola, 2000.
- BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, p. 63-81, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília. MEC/SEF, 1998.
- DE SOUZA SILVA, Ana Carolina; SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. A língua transgressora. **Abatirá-Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 3, n. 5, p. 361-379, 2022.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira. Desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-61.
- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica. **LaborHistórico**. Rio de Janeiro: Nº 2, vol. 3, p. 114-132, 2017.
- FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. Contexto: São Paulo, 2017.
- Gonzalez, Lélia (1983). "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: Silva, Luiz Antônio Machado et alii. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília, ANPOCS, p. 223-244.

GUALBERTO, Clarice Lage; SANTOS, Zaira Bomfante dos. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 35, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KLEIMAN, Angela B. **Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar**. *Perspectiva* [online]. 2010, vol.28, n.02, pp.375-400.

LAVOR, C. M. A. ; VIANA, Rakel Beserra de Macedo . **A Variação Linguística no ENEM: uma breve análise de provas de língua portuguesa**. In: Aluizio Lendl; Maria Lidiane de Sousa Pereira; Rakel Beserra de Macêdo Viana. (Org.). *Percursos Linguísticos e ensino de línguas*. 1ªed. São Paulo: Mentis abertas, 2019, v. 4, p. 10-29.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Angela P. Dionisio; Anna R. MACHADO; Maria A. BEZERRA. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MENDONÇA, Marina Célia. **A luta pelo direito de dizer a língua: a linguística e o purismo linguístico na passagem do século XX para o século XXI**. 2006. 249 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Ed.). **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. Parábola, 2013.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Editora Letramento, 2019.

ODARA, Norma. Eu não nasci rodeada de livros, nasci rodeada de palavras. **conta Conceição Evaristo**. *Rádio Brasil de Fato*, v. 2, 2017.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: **História da Vida Privada: Europa Feudal**. São Paulo: Cia das Letras, 1986. Vol. 02.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 23, p. 64-73, 2003.

RODRIGUES, Fernanda Castelano. A noção de direitos linguísticos e sua garantia no Brasil: entre a democracia e o fascismo. **Línguas e instrumentos linguísticos**, n. 42, 2018.

SILVA, Aristeia Rodrigues da; SILVA, Jididias Rodrigues da. **O preconceito linguístico na escola: como prevenir**. Almeirim: UFOPA, 2015

SOUZA, Francisca Ferreira de. **O estudo da variação linguística e suas contribuições para o ensino**. 2016.

TOLEDO, Renata Ferraz de; JACOBI, Pedro Roberto. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educação & Sociedade**, v. 34, p. 155-173, 2013.

TOURINHO, Denilson Alves et al. **Artes cênicas negras e a educação das relações étnico/raciais em Belo Horizonte**. p. 113, 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009.


VERONELLI, Gabriela Alejandra. Sobre a colonialidade da linguagem. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 80-100, 2021.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BARBOSA, Juliana Bertucci; "Gramática, Variação e Ensino: Ampliação de Repertório na Produção e na Recepção de Textos em Sala de Aula", p. 35-56. In: **Variação e Ensino de Português no Mundo: Variation et Enseignement de Portugais Dans le Monde**. São Paulo: Blucher, 2022.

Walsh, C., Oliveira, L. F. de, & Candau, V. M. (2018). **Coloniality and decolonial pedagogy**: To think of other education. *Education Policy Analysis Archives*, 26, 83. <https://doi.org/10.14507/epaa.26.3874>.

APÊNDICES

APÊNDICE A — Carta de anuência

	<p style="text-align: center;">Escola Municipal Aurélio Pires Rua Barrinha, 171, Liberdade Belo Horizonte – MG CEP 31270-070</p>
---	---

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora Fabiana Gomes Cortes Mol, a desenvolver o seu projeto de pesquisa “A FORMA COMO EU FALO: Reflexões na sala de aula sobre usos do português brasileiro”, que está sob a coordenação/orientação da Prof. (a) Elzimar Goettenauer de Marins Costa, cujo objetivo é elaborar e desenvolver um projeto de ensino que evidencie os usos da língua livre de preconceitos como um direito de todo cidadão, conduzindo os/as estudantes da Escola Municipal Aurélio Pires, situada em Belo Horizonte, a uma consciência linguística que será construída por meio de análises reflexivas acerca do uso real da língua.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento, por parte da pesquisadora, dos requisitos da Resolução 196/96 e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Belo Horizonte, 24 de maio de 2022.



Nome/assinatura e carimbo do responsável onde a pesquisa será realizada

Nelsa Custódio Vieira - EM-42263-4
Diretor de Escola Municipal
Nomeação no DOME: 06/01/2022

APÊNDICE B — Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA

Prezado/a estudante,

Você está sendo convidado/a a participar como voluntário da pesquisa “**CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA: Reflexões na sala de aula sobre usos do português brasileiro**”, sob a responsabilidade da professora Fabiana Gomes Cortes Mol, pesquisadora do programa de pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. O objetivo da pesquisa é elaborar e desenvolver um projeto de ensino que mostre os usos da língua portuguesa livre de preconceitos, como um direito de todo cidadão. A intenção é que o projeto de ensino contribua para que você amplie seus conhecimentos sobre a diversidade da língua portuguesa.

Oficinas

Vocês, alunos e alunas, terão a oportunidade de participar de oficinas, durante as quais realizarão atividades para observar usos frequentes da língua portuguesa que são alvos de críticas em *posts* e comentários na internet, refletindo sobre os casos em que ocorrem situações preconceituosas. Durante as atividades, vocês poderão opinar e levantar hipóteses sobre diversas situações comunicativas encontradas na internet. As oficinas terão duração de dois meses e, depois da realização das atividades, pretende-se elaborar um material informativo que divulgue a análise e as reflexões feitas durante o projeto de ensino.

Participação nas oficinas

Durante a pesquisa, você poderá ter algum desconforto, por se sentir analisado/a e avaliado/a. Para diminuir essa sensação, será feita uma reunião inicial, para explicar os objetivos buscados e os resultados esperados; todas as atividades feitas pelos/as participantes não serão identificadas, o que garantirá seu anonimato em futuras publicações. Além disso, você poderá deixar as oficinas a qualquer momento, caso não se sinta motivado/a a continuar. Da mesma maneira, asseguramos que a pesquisa não afetará negativamente o desempenho escolar, pelo contrário, poderá auxiliar na melhoria do aprendizado e da capacidade crítica.

Desenvolvimento da pesquisa

Esclarecemos ainda que a pesquisa não ocasionará nenhum custo aos participantes. Em caso de danos provenientes da pesquisa, o/a participante poderá buscar indenização nos termos da Res.466/12. Ao divulgar os resultados desta pesquisa, serão utilizados apenas os dados oferecidos espontaneamente durante as oficinas e os nomes não serão informados, para garantir o sigilo e a preservação da identidade dos estudantes e da escola. Todos os resultados de pesquisas desenvolvidas pela UFMG são públicos e podem ser consultados pela comunidade a qualquer momento, após sua divulgação.

Agradecemos a atenção e destacamos a importância da participação em pesquisas dessa natureza, pois contribui para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem nas escolas.

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

Assinatura do termo

Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na **E. M. Aurélio Pires**, e a outra será fornecida a você.

Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos **(ou até 10 (dez) anos)** na sala 4085 da Faculdade de Letras da UFMG e após esse tempo serão destruídos. As pesquisadoras tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções N° 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, fui informado/a dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa **“CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA: Reflexões na sala de aula sobre usos do português brasileiro”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar da pesquisa, se assim o desejar.

() Concordo que os dados recolhidos pela pesquisadora sejam utilizados somente para esta pesquisa.

() Concordo que os dados recolhidos pelo sejam utilizados em outras pesquisas, mas serei comunicado pela pesquisadora novamente e assinarei outro termo de consentimento livre e esclarecido que explique para que será utilizado o material.

Declaro que concordo com a participação nesta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de assentimento livre e esclarecido assinado por mim e pela pesquisadora, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do participante.

Data / /

Assinatura do participante

Pesquisadora Responsável:

Elzimar Goettenauer de Marins-Costa

E-mail: egmcosta@ufmg.br

Pesquisadora:

Fabiana Gomes Cortes Mol

E-mail: fabiana.mol@edu.pbh.gov.br

Assinatura do pesquisador

Data / /

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2° andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.

APÊNDICE C — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA

Prezados pais, Prezadas mães ou responsáveis,

Seu/sua filho/a está sendo convidado/a a participar como voluntário da pesquisa **“CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA: Reflexões na sala de aula sobre usos do português brasileiro”**, sob a responsabilidade da professora Fabiana Gomes Cortes Mol, pesquisadora do programa de pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. O objetivo da pesquisa é elaborar e desenvolver um projeto de ensino que mostre os usos da língua portuguesa livre de preconceitos, como um direito de todo cidadão. A intenção é que o projeto de ensino contribua para que os estudantes ampliem seus conhecimentos sobre a diversidade da língua portuguesa.

Oficinas

Os alunos e as alunas terão a oportunidade de participar de oficinas, durante as quais realizarão atividades para observar usos frequentes da língua portuguesa que são alvos de críticas em posts e comentários na internet, refletindo sobre os casos em que ocorrem situações preconceituosas. Durante as atividades, eles poderão opinar e levantar hipóteses sobre diversas situações comunicativas encontradas na internet. As oficinas terão duração de dois meses e, depois da realização das atividades, pretende-se elaborar um material informativo que divulgue a análise e as reflexões feitas durante o projeto de ensino.

Participação nas oficinas

Durante a pesquisa, poderá haver desconforto por parte dos/das estudantes, por se sentir analisados/as e avaliados/as. Para atenuar essa sensação, será feita uma reunião inicial, para explicar os objetivos buscados e os resultados esperados; todas as atividades feitas pelos participantes não serão identificadas, o que garantirá seu anonimato em futuras publicações. Além disso, o/a estudante poderá deixar as oficinas a qualquer momento, caso não se sinta motivado/a a continuar. Da mesma maneira, asseguramos que a pesquisa não afetará negativamente o desempenho escolar, pelo contrário, poderá auxiliar na melhoria do aprendizado e da capacidade crítica.

Desenvolvimento da pesquisa

Esclarecemos ainda que a pesquisa não ocasionará nenhum custo aos participantes. Em caso de danos provenientes da pesquisa, o/a participante poderá buscar indenização nos termos da Res.466/12. Ao divulgar os resultados desta pesquisa, serão utilizados apenas os dados oferecidos espontaneamente durante as oficinas e os nomes não serão informados, para garantir o sigilo e a preservação da identidade dos estudantes e da escola. Todos os resultados de pesquisas desenvolvidas pela UFMG são públicos e podem ser consultados pela comunidade a qualquer momento, após sua divulgação.

Agradecemos a atenção e destacamos a importância da participação em pesquisas dessa natureza, pois contribui para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem nas escolas.

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

Assinatura do termo

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na **E. M. Aurélio Pires** e a outra será fornecida ao Sr. (a).

Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos **(ou até 10 (dez) anos)** na sala 4085 da Faculdade de Letras da UFMG e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a identidade dos participantes com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções N° 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa **“CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA: Reflexões na sala de aula sobre usos do português brasileiro”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de permitir que meu filho(a) participe da pesquisa, se assim o desejar.

() Concordo que os dados recolhidos pela pesquisadora sejam utilizados somente para esta pesquisa.

() Concordo que os dados recolhidos pelo sejam utilizados em outras pesquisas, mas serei comunicado pela pesquisadora novamente e assinarei outro termo de consentimento livre e esclarecido que explique para que será utilizado o material.

Declaro que concordo com a participação do/a estudante nesta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pela pesquisadora, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Assinatura do responsável

Data / /

Nome completo do/da estudante.

Pesquisadora Responsável:

Elzimar Goettenauer de Marins-Costa

E-mail: egmcosta@ufmg.br

Pesquisadora:

Fabiana Gomes Cortes Mol

E-mail: fabiana.mol@edu.pbh.gov.br

Assinatura da pesquisadora

Data / /

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2° andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.